PENTAGRAMA

2004 NÚMERO 2

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



AS CAUSAS PROFUNDAS DO BEM E DO MAL

PERGUNTAS E RESPOSTAS

A CULTURA, UMA BELA DOENÇA

DO CORVO À FÊNIX

O UNIVERSO É CONCÊNTRICO

O GARIMPEIRO

A DUPLA HISTÓRIA DO HOMEM

O HOMEM NÃO ESTÁ PRONTO

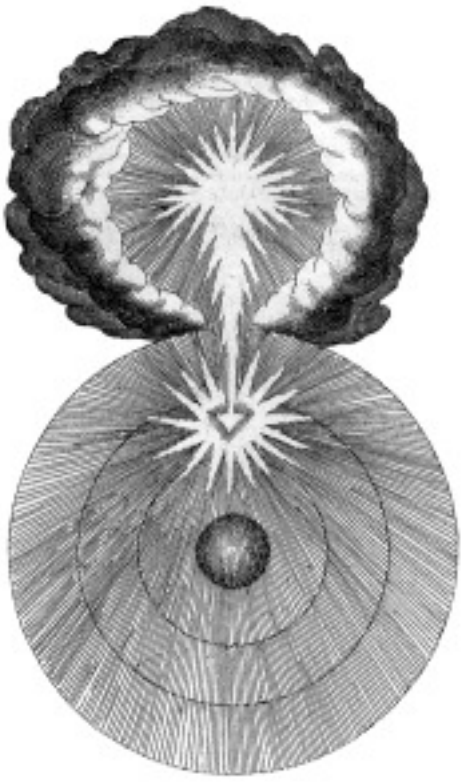
O LOBO, ANIMAL DOS MISTÉRIOS

DO HOMEM DESCARTÁVEL AO HOMEM ETERNO

PENTAGRAMA

As causas profundas do bem e do mal

Quem aspira à vida superior,
tal como ela é ensinada na Escola Espiritual,
deve se esforçar para compreender as causas
profundas do "bem e do mal".



Índice

2 As causas profundas do bem e do mal

7 Perguntas e respostas

8 A cultura, uma bela doença

11 Do corvo à fênix

21 O Universo é concêntrico

25 O garimpeiro

28 A dupla história do homem

33 O homem não está pronto

38 O lobo, animal dos Mistérios

42 Do homem descartável ao homem eterno

Ano 26
Número 2



As causas profundas do bem e do mal

Quem aspira à vida superior, tal como ela é ensinada na Escola Espiritual, deve se esforçar para compreender as causas profundas do "bem e do mal". Essa compreensão é necessária ao progresso no caminho da santificação. O aluno deve sempre se ocupar com essa questão a fim de não entravar seu desenvolvimento.

A filosofia da Rosacruz nos traz amplas explicações concernentes à possibilidade de escapar da teia das ilusões e de nos guiar para a sabedoria. Cedo ou tarde o aluno é confrontado com o mistério do bem e do mal.

Geralmente somos incapazes de imaginar os diversos estratos de nosso cosmo planetário, bem como de compreender que nossa existência não se desenvolve no extrato mais elevado – a esfera de maior calor – mas, sim, no extrato dialético inferior. Embora residíssemos e trabalhássemos na ordem divina, ou na esfera de maior calor, por causa de um incidente em nosso desenvolvimento caímos no estrato dialético.

Duas forças naturais soberanas

A assinatura característica do estrato dialético é determinada pela coexistência de duas forças ou leis naturais que são a imagem invertida uma da outra, como num jogo de espelhos. Elas têm polarização inversa e não constituem uma unidade. Elas estão na origem do jogo de opostos tais como atração e repulsão, luz e

trevas, calor e frio, cheio e vazio, desenvolvimento e dissolução, em suma: vida e morte. Essa lei dos contrários vigora nos quatro reinos: mineral, vegetal, animal e humano. A partir de nosso estrato dialético, podemos observar nos mundos circunvizinhos, graças à nossa faculdade de percepção tridimensional, que ambas as forças naturais são aí soberanas.

Refletindo atentamente, compreendemos que essas duas forças ou leis naturais produzem, atualmente, efeitos completamente diferentes dos de outrora, quando, com nossos companheiros de infortúnio, nos perdemos neste estrato. Para compreendermos, basta um exemplo bem simples. Quando, a partir do interior, nos comportamos em perfeita harmonia com respeito a certas leis, e nossa conduta de vida obedece às exigências dessas leis, então não experimentaremos o menor constrangimento por parte delas. Muito pelo contrário. Elas são para nós um auxílio constante e um suporte moral. Sim, chega mesmo um momento em que nem sentimos a presença dessas leis. Nossa vida se eleva, então, acima da lei, com base na harmonia-com-a-lei, e segue adiante, de força em força.

Guerra, nunca mais!

Quando, porém, nos opomos à lei, surge em nós uma resistência, depois fricção, depois, calor. Esse calor se transforma em cólera, a cólera em fogo, o fogo em explosão, a explosão em punição. O medo diante da punição e a experiência da punição impelem-nos a uma reação. Mas, em nossas respostas não somos totalmente honestos, verdadeiros e sinceros, pois, em geral, reagimos, expressando-nos de modo indulgentemente lisonjeiro.

A lei judaica é perfeitamente justa e lógica, quando diz: *Eu sou vosso Deus zeloso que pune a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que me aborrecem.* Com essa citação ou advertência, as pessoas, que de bom grado se permitem ficar iradas ou cometer más ações, se detêm e se reorientam em direção ao bem. Através do medo religioso, elas são conduzidas ao bem. Mas esse é um falso bem que não corresponde à qualidade intrínseca dessas pessoas.

Compelida por muitas experiências, a humanidade lança um grito: *Guerra, nunca mais!*. Para que essa decisão possa ser mantida, então ela deve ser imposta, mediante castigo, sangue, assassínio e fome. Essa mudança em direção ao bem, ao humano, foi imposta e é, portanto, em grande medida hipócrita.

Portas para a verdadeira nova vida

Esse exemplo pode nos esclarecer sobre o que a filosofia da Rosacruz Áurea tem a nos dizer. No princípio, as duas forças do estrato dialético ainda não se evidenciavam como bem e mal. Essas atuações das leis gêmeas tal como as conhecemos hoje eram desconhecidas para a humanidade de então. Portanto, o bem e o mal não estavam previstos no estrato dialético. Uma dessas forças naturais assegurava um certo desenvolvimento, a outra anulava esse desenvolvimento. E isso não por malevolência arbitrária, mas porque a força de dissolução era uma força de transformação. O resultado do crescimento realizado por uma força era então dissolvido pela outra força para que a primeira pudesse, assim,

As correntes verticais e horizontais se encontram e fluem juntas. São Pelegrino. Itália. Foto Pentagrama.

alcançar uma manifestação sempre mais sublime e esplêndida. A morte e a noite eram portas para a verdadeira nova vida. Assim, graças à atuação de ambas as leis desenvolvia-se um certo processo evolutivo. Sua queda da ordem divina, por causa de uma necessidade acidental, levou, mesmo assim, a humanidade a um paraíso de onde o homem-criança podia, ao longo de uma ascensão em espiral, alcançar um bem superior, e retornar ao perdido Lar paterno. A lei de dissolução e de transformação era igualmente boa, tão pura e harmoniosa quanto a lei de assimilação e de crescimento.

Uma via perfeita de reintegração à Luz

Para esses homens, a lembrança da Casa paterna e estar numa situação que não lhes permitia permanecer na ordem estática causou possivelmente um intenso sentimento de saudade. A ordem dialética era, não obstante, uma via perfeita de reintegração à Luz. Essa ordem era, em si mesma, uma manifestação *da* Luz.

Todavia, em seu estado atual, a dialética é um terrível drama e um intenso despedaçamento. As leis gêmeas do estrato dialético já não propiciam um processo de evolução, porém de declínio. Elas criam uma desordem. De acordo com todas as escrituras sagradas, a ordem mundial na qual vivemos hoje *sucumbiu totalmente no mal*. Agora já não há passagem para a Luz, não importa qual seja a lei utilizada.

A malignidade da contra-natureza é tão absoluta que somente uma intervenção divina pode abrir caminho para a Luz. Daí a palavra de Jesus Cristo: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, que é tão científica e perfeitamente justa.

As leis gêmeas de nosso estrato foram perturbadas e, em total conformidade com o estado de ser da humanidade, maltratam e castigam. A força de crescimento e de assimilação é uma reação ao mal e uma mórbida proliferação da maldade. Diante dessas reações, o homem foge daquilo que ele mesmo desencadeou. Ele quer ser bom por medo e para ser salvo do mal. Ele tenta ser bom e especula com projetos de bondade por causa dos efeitos fatídicos de seus passos errados. E cada dia se manifesta a veracidade desta sentença tirada do Gênesis: *…pois no dia em que comeres, morrerás*. Atentar contra as leis de cooperação harmoniosa das duas grandes forças naturais deste estrato levam essas leis a se irarem e a castigar. Uma emprega o bem – segundo a acepção convencional – e a outra, o mal. Portanto, o fato de o bem e o mal serem as imagens invertidas um do outro, frutos de uma mesma árvore, deve nos provar que o bem desta natureza não poderá nos livrar de nossa miséria.

Fazer o bem não liberta o homem do mal

Aqui ocorre para alguns um problema embaraçoso. Não existe para nós outro caminho? Podemos ser, contudo, bons ou maus ou – visto de modo realista e honesto – primariamente bons ou maus! Fazer o bem não liberta o homem do mal, e vice-versa.

Não há outra saída? Não há outra força natural com a qual contar? Não existe um bem superior ao nosso bem?

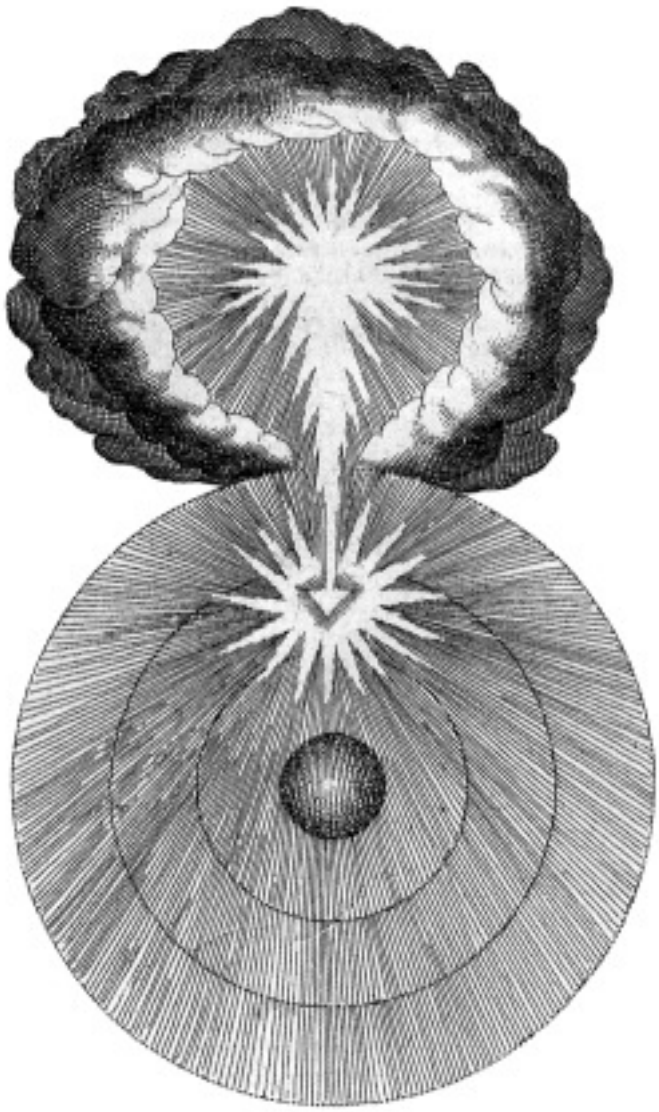
Sim, existe esse outro caminho, essa outra lei natural, esse bem superior. A

filosofia da Rosacruz mostra a existência dessa lei, do mesmo modo que todas as escrituras sagradas dão testemunho disso. Esse bem superior não é o resultado das duas forças gêmeas do estrato dialético. Ele pode ser designado de modo apropriado pela palavra inglesa *completeness*, ou seja, plenitude, perfeição.

Essa perfeição, esse caminho da plenitude, nos é ofertada pela Hierarquia de Cristo. Quando seguimos esse caminho e agarramos essa força, ultrapassamos o bem natural, rompemos com o mal e neutralizamos, assim, as antigas conseqüências do fruto proibido que nos trouxe tanta infelicidade. A força de perfeição que está em Cristo nos leva ao estado de plenitude do estrato dialético e esse domínio de vida se torna novamente uma porta para uma nova vida superior no Pai.

A plenitude é como a água

Se compreendermos essa idéia, alcançaremos o sentido das palavras de Lao Tsé: *Quando alguém aspira a reinar e tenta realizar isso mediante a ação, eu constato que ele não pode ter êxito. O Reino é algo espiritual que não pode ser adquirido pela ação. Aquele que procura obtê-lo desse modo o reduz a nada. Aquele que quer se apossar dele, o perderá. Um reino espiritual não pode ser conquistado senão por alguém livre de toda ambição e de toda atividade. O sábio não é caridoso ou bom, a plenitude é como a água. A água faz bem a todos os seres, e não se esforça. Ela vive nos lugares desdenhados pelos homens. É lá que o sábio se acerca do Tao. Ele elege de bom grado morada nos lugares mais insignificantes. Seu coração ama as profundezas. Em total benevolência ele venera o amor, falando a verdade, regendo a ordem, trabalhando com competência, agindo no tempo apropriado. Ele não luta, portanto nenhuma repreensão o atinge*.



A criação segundo Robert Flud. *Philosophia Sacra*, Frankfurt, 1626.

Se essa idéia tem qualquer sentido para nós, comprenderemos a sentença do Sermão do Monte: *Quando fizeres o bem, não saiba a tua mão esquerda o que a direita faz*.

Todas essas sentenças atestam da força de perfeição que está em Cristo e nos conduz ao caminho, ao Tao. Enquanto nos esforçamos pelo bem em reação ao mal, desenvolvemos

uma atividade que provocará novamente uma reação contrária. Por isso devemos nos libertar de tais manobras. Pelo não-agir, compreendido do ponto de vista espiritual, escapamos da lei de ação e reação, e alcançamos o comportamento correto. Compreendei-nos aqui em espírito!

Por isso ele se aproxima do Tao

Da mesma forma que a água é benfazeja para todos os seres sem nada forçar, assim irradia o homem que vive na perfeição do bem supremo. Não porque é bom, não por ódio do mal, não como reação ao mal, mas porque ele não pode agir de outra maneira. Ele não luta nem a favor, nem contra, porém *é* e *vive* do e no supremo bem. Ele não pergunta se isso é bom. Isso é conhecido como sendo bom? É uma barreira contra o mal? Ele não luta. Ele *é*. Por isso ele se aproxima do Tao. Ele não é modesto porque a lei o prescreve, mas porque é seu estado, sua natureza. Sua mão esquerda ignora, em virtude de seu ser, o que faz sua mão direita. Um reino espiritual não pode ser conquistado senão por alguém livre de toda ambição e de toda atividade. Livre das autoridades!

Contudo, em virtude de estar a caminho da *completeness*, ele não desdenha ocupar lugares simples. Ele é humilde. Seu coração ama a profundidade. Ele aí mergulha na oni-sabedoria. Ele venera o amor em toda benevolência. Ele sustenta tudo o que está quebrado, cura-o e endireita-o. Ele fala em verdade e testemunha do caminho do Tao. Regendo, ele cria ordem. Ele se empenha a serviço da Hierarquia para fundar um núcleo da Fraternidade Universal Estática. Na sua obra, ele é competente, se esforça por eficácia e só intervém no momento psicológico. Ele não luta, nem contra o mal. Mas ele também não luta com o bem dialético. Ele se mantém distante, e, no entanto, está no centro de tudo. Com ambos os pés na terra, ele se mantém firme na realidade.

Assim, totalmente no mundo, mas não do mundo, ele não atrai nenhuma repreensão, o que significa que se mantém acima da roda da natureza e que o estrato dialético se torna para ele uma ampla porta para a eternidade.

Que aquele que puder compreender compreenda!

J. van Rijckenborgh

(Esta alocução foi inicialmente publicada no periódico holandês *Nieuw Religieuse Orientering,* 1947).

Perguntas e respostas

Durante a Conferência de Natal de 2003, em Renova, ocorreu uma reunião dos jovens alunos da Alemanha, Bélgica, Bulgária, Croácia, França, Finlândia, Holanda, Inglaterra, Polônia e Rússia com membros da Direção Espiritual Internacional. Neste número da Pentagrama apresentamos algumas das respostas às perguntas feitas.

Dizem-nos que é preciso que sejamos "passivos", "sem reação". Para mim é difícil de compreender. Às vezes reajo de modo emotivo ao que nos é exposto em um serviço.

De acordo com suas personalidades, vocês levam uma vida ativa: estão em contato com jovens, vão a conferências de renovação e semanas de trabalho em outros países, praticam esporte, se divertem com seus passatempos favoritos, estudam ou trabalham. Na maior parte desse tempo, a alma desempenha um papel passivo. Porém, ela pode desempenhar um papel ativo, papel em que a personalidade aprende a se submeter passivamente ao processo. Não esqueçam de que lhes é pedido que tenham uma atitude extremamente inteligente. De modo geral, os homens levam uma vida passiva, dirigida e manipulada por potências políticas, religiosas ou econômicas. É preciso ter, pouco a pouco, a coragem de rejeitar essas influências. Então, o eu se coloca em segundo plano e se torna passivo, enquanto que a alma toma a dianteira e se torna ativa. Nesse contexto, "passivo" talvez não seja a palavra correta: vocês devem de fato agir e reagir de acordo com o que acontece dentro de vocês. Mas a intenção não é que vocês esmiúcem tudo com seu eu, tudo o que lêem e ouvem para ter uma explicação. Deixem-se penetrar por isso, e que o ser faça o trabalho e aja. A palavra "passivo" implica em sujeitar-se a algo. Se vocês participam passivamente de algo, sujeitam-se ao acontecimento sem nele tomar parte ativa.

Sua segunda pergunta é evidentemente muito individual. Você disse também que seus sentimentos tinham algo a ver com nostalgia. E você ainda é tão jovem! Essa nostalgia pode talvez ser traduzida como o "anseio pela origem". As lágrimas que às vezes você sente podem ser lágrimas de alegre reconhecimento, porque sua alma foi comovida pelo chamado da origem e a força da Gnosis que vai em busca da alma, em seu cativeiro.

A cultura, uma bela doença





As aquisições culturais são tidas em grande consideração. Vemos professores de história da arte e de línguas clássicas inclinarem-se, cheios de respeito, diante das obras e das divindades da cultura. A cultura nos parece tão indispensável quanto a máquina de lavar e o gás. É possível imaginar o que seria a vida sem isso? Sem técnica, sem televisão, sem vídeo ou DVD, sem indústria farmacêutica, sem carros, aviões e foguetes, sem bombas atômicas, sem cinema, sem supermercados, sem super-petroleiros que se quebram em dois, o que seria de nossa vida? Do que ela é feita? Não estamos ocupados, dia após dia, em pôr ordem num monte de cacarecos e de papelada? Já nos perguntamos para que serve tudo isso? A vida se torna, pouco a pouco, complicada e onerosa, como o demonstra a antiga sabedoria oriental. De quê necessitamos realmente?

A própria religião é cultura. Não é uma civilização constituída a partir de instituições ligadas à religião dominante? Não há rastros de vida humana sem vestígios de uma atividade religiosa. Religião significa: religar. Ligar-se novamente a Deus, ao que os homens chamam de Deus. O que é Deus? Quem é Deus? O Altíssimo? A luz sem sombra, o amor sem ódio? Perfeição, felicidade, alegria, juventude e saúde eternas? O inominável? E o homem, quem é ele? Uma lembrança de Deus?

A literatura mundial fala de uma centelha anímica, de um frágil princípio luminoso também chamado de centelha do espírito. Segundo alguns autores, o único dever do ser humano é fazer dessa centelha uma chama ardente. Ele já cumpriu essa tarefa? Tornou-se ele uma imagem de Deus? Tornou-se ele divino, graças aos esforços de milhões de padres e de teólogos e aos milhares de edifícios por eles erigidos? O homem de hoje continua escondendo sua nudez com uma folha de parreira e com peles de animais. Ele mal hesita em partir o crânio de seus semelhantes. Aliás, ele aperfeiçoou suas armas. A clava do homem pré-histórico

Grupo de estátuas de bronze. Achen, Alemanha. Foto Pentagrama.





foi equipada com os últimos aperfeiçoamentos de uma civilização espantosa.

Não deve o homem ser literalmente desnudado pela vida e ser exposto a valores superiores, os únicos capazes de salvá-lo de sua marcha infernal? Nós não gostamos muito de nos fazer essa pergunta. Preferimos ignorar a realidade e zombar cultamente. Fugimos diante da vida, diante dos dias, das horas, dos segundos. Fugimos da vida no instante presente. Os verdadeiros mestres nos ensinaram que há uma única religião. Todo o restante é convenções, hábitos, distrações, cultura. Idolatria! Nas culturas cristãs, aprendemos a rezar para imagens santas, retratos de mortos e outras relíquias. Não será isso superstição, à qual se acrescenta o culto das divindades inferiores da vida cotidiana, das estrelas do cinema e da televisão, dos monstros sagrados do esporte e da música?

E agora, ressoam essas palavras: *Eis meu segredo. É muito simples. Só podemos realmente ver com o coração. O essencial é invisível. Os olhos só vêem a cultura. Onde está o essencial que os olhos não podem ver?*

Tendo perdido o conhecimento desse segredo, os homens só percebem as coisas mediante seus sentidos. Podem eles, desse modo, reconhecer algo de imutável, de eterno? Não haverá senão morte e decomposição? Essa ilusão pode induzir a erro o pesquisador da verdade? É a isso que toda vida se reduz? O homem só nasceu para morrer? Seu coração, no entanto, é consumido por uma sede inexplicável que o impele a atravessar os oceanos, escalar as montanhas até os cimos perdidos nas nuvens, sempre em busca de beleza, de felicidade e de imortalidade. E quando alcança seus próprios limites, ele edifica uma cultura; uma cultura sinistra, fruto de sua imaginação, de sua inventividade, de sua razão e de suas investigações teológicas, que só constituem uma saída de emergência para fugir da realidade.

Nós continuamos não sabendo o que procuramos. Não temos a menor idéia. A única coisa que é essencial, não somos capazes de encontrar. Em lugar nenhum! A menos que paremos de perseguir quimeras. Quantas vezes o homem, individual ou coletivamente, fracassou nessa busca imperfeita e eterna? Sísifo, Tântalo! Quantas vezes isso deve se repetir ainda? Por que não somos capazes de perceber o momento em que podemos dizer: "Espera, tu és tão belo"?

A experiência torna o homem sábio. Aquele que muitas vezes queimou os dedos na chama da ostensível beleza, ou do sofrimento devorador, pára um momento para contemplar os deuses da cultura. Mas pode ele tolerar a si mesmo nu, sem estar revestido de falso brilho e de verniz? Ele bem sabe que deve haver algo mais. Algo que dizem repousar no coração do homem, e do qual cada um deve aprender a descobrir o segredo. Onde se encontra a saída do labirinto? O fio de Ariadne só é agarrado no silêncio do coração, ao inclinar a testa altiva e, pela primeira vez, escutar deslumbrado o canto da eternidade. Não sabeis que sois um templo de Deus?

A arte verdadeira é independente da cultura. Ela surge no instante presente e vivente, e se utiliza de um período cultural, como um carpinteiro que escolhe um pedaço de madeira bruta para lhe dar forma.

Em meu sonho, eu via uma besta de duas patas. Era um esqueleto com cabeça de caveira, revestido com um véu de poeira. Sua máscara, bem polida, brilhava como placa luminosa na rua. Havia uma luz no fundo de suas órbitas e sua voz dizia: *Venham, sigam-me, eu lhes darei beleza, riqueza, imortalidade e poder*. Eu vi a multidão gritar de alegria e correr atrás da máscara. Já não sei o que aconteceu. Não podia segui-los, minhas pernas não me sustentavam e meus pés não me obedeciam. Todo mundo corria, corria, enquanto que eu estava pregado no chão, impotente. Com horror, vi a besta arrancar sua máscara para devorar as pessoas, incapazes de escapar a seu encanto.

Um campo de ruínas calcinadas, restos ressequidos, uma miséria estéril foi tudo o que restou de uma cultura florescente. Somente alguns chegaram até a saída do labirinto e seguiram o caminho para a luz. Eles se tornaram parcelas dessa luz e deixaram um rastro resplandecente sobre os escombros.

O homem procura segurança. Daí a cultura da Internet, dos remédios, da gasolina e do diesel, dos cartões bancários, da tecnologia e da profusão de alimentos. Dirigido por conceitos errôneos, ele se aprisiona nessa cultura. Ele permanece alheio ao jardim florido da vida original e adentra um deserto venenoso e mortífero onde reinam a angústia e o medo. Esse nada inflado que chamamos orgulhosamente de cultura.

Os ídolos foram desmascarados, as superstições culturais incendiadas, então um segredo apareceu. É muito simples: só podemos ver com pureza através de um coração limpo. A essência da vida permanece oculta ao olho. Toda cultura encerra algo secreto; por exemplo, em uma lenda, um mito, uma obra de arte. Mas às vezes também em fantasias absurdas que obrigam o homem a pensar. Tantos tesouros escondidos que nos lembram de Deus no homem, memórias que impelem à vida interior.

Do corvo à fênix

O processo de renovação do homem

Quando a dúvida atormenta
o coração,
a alma sente aflição.
Nela coabitam desgraça e beleza,
e revestem-na temeridade e covardia
com uma veste branca e negra,
semelhante à plumagem da pega,
persistindo em haurir de um e
de outro,
tanto do céu como do inferno.
A inconstância serve, das trevas,
o estandarte negro,
enquanto que a fidelidade ergue
o estandarte branco.
Desse mistério, de essência sutil,
o homem tolo nada pode pressentir.

Wolfram von Eschenbach, *Parsifal,* I.1-17

Esses primeiros versos de *Parsifal* carregam o selo enigmático do poema épico de Wolfram von Eschenbach. A simbologia da pega de plumagem branca e preta representando a alma humana pertence ao espírito medieval. A poesia e a arte pictórica desse período oferecem numerosos exemplos disso. Posteriormente os animais dos Mistérios serviram também para descrever as diferentes etapas do desenvolvimento da alma. Na alquimia, por exemplo, os animais simbolizam as diversas reações químicas produzidas nas retortas e as correspondentes transformações da alma. A massa negra da matéria primordial amorfa é simbolizada por um sapo preto acorrentado a uma águia branca. Essa é uma alegoria da luz acorrentada que deve se libertar das trevas. Do mesmo modo, o leão verde, o leão vermelho e o pavão, que exibe a policromia de sua cauda, representam as reações químicas dos elementos e dos metais em relação ao progresso da alma em seu caminho para a libertação.

O reino animal se presta a ilustrar as forças astrais que a humanidade libera no decorrer de sua evolução. Do mesmo modo, é possível comparar os comportamentos humanos e os comportamentos animais. A natureza oferece, assim, ao homem, um espelho da própria vida da alma. Como símbolos das forças arquetípicas, essas imagens atuam profundamente sobre a consciência humana e, por essa razão, foram sempre utilizadas nos Mistérios.

Entre os animais dos Mistérios encontram-se vários tipos de aves. Além das aves comuns, figuram seres fabulosos compostos por diversos animais, como por exemplo, o grifo, meio águia, meio leão. As aves se movem nos ares e também na terra e simbolizam os laços que unem a terra e o céu. Não é a alma humana como uma ave que pode se elevar, nos momentos de concentração espiritual, da matéria densa para as esferas mais sutis? A plumagem clara ou escura de uma ave já é uma indicação de seu lugar no reino da luz ou no das trevas. A diversidade oferecida pela natureza pode, no entanto, levar a confusão. A

plumagem branca e preta da pega simboliza a cisão da alma.

As cinco aves dos Mistérios

Nos textos alquímicos, as aves dos Mistérios são sempre representadas segundo uma ordem precisa. Uma antiga obra, *Musæum Hermeticum Reformatum et Amplificatum*, de Herman van Sande (Frankfurt, 1677), de inspiração rosacruz e alquimista, traz uma ilustração com um círculo central cuja metade superior está ocupada pela hierarquia celeste e o zodíaco. Na metade inferior estão alinhadas cinco aves simbolizando as etapas do desenvolvimento espiritual. São elas: o corvo (ou a pega), o cisne, o basilisco, o pelicano e a fênix. Encontramos essas mesmas aves numa ilustração do pintor Johfra, em *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, explicadas e comentadas por J. van Rijckenborgh, tomo 1. A página VIII taz um desenho intitulado *Mistérios da Rosa-Cruz*, onde figuram as cinco aves. Cada uma delas está numa das pontas de um pentalfa, e se fossem colocadas numa linha contínua as aves apareceriam numa determinada ordem que simboliza o quíntuplo caminho da alma na transmutação alquímica do chumbo em ouro. Tal é a via que leva do corvo à fênix, o pássaro de fogo, a via na qual a alma é libertada da matéria.

Mas é preciso ter em mente que essas diferentes fases podem se interpenetrar. Por exemplo, o corvo ainda está presente quando a fênix já se ergue. Com efeito, o plano denso pode sempre obscurecer a consciência enquanto a veste de carne ainda não foi abandonada por ocasião da morte.

Esses antigos símbolos nada perderam de sua força no decorrer dos séculos. Hoje, como sempre, o caminho da libertação segue a via das aves dos Mistérios. O poeta russo Alexander Nizberg era muito sensível à beleza dessa linguagem simbólica. Ele se inspirou nas imagens que contemplou no *Musæum Hermeticum* e as integrou em um ciclo poético que, em total conformidade com os textos bíblicos, inspirou a H. A. Stamm sua cantata *Christus, der himmlische Phönix* (Cristo, fênix celeste). Tomemos esses poemas como fio condutor.

O Corvo

No mais profundo de todas
as noites,
onde não ardia para mim
lâmpada alguma,
quando a escuridão me
enfraquecia,
eu jazia, como numa
tumba, banido.

O vazio à minha volta
era como um corvo de penas negras.
De cada coisa terrena
eu suportava a transitoriedade.

E eles me trouxeram um ramo
de videira,
e me trouxeram pão,
e percebi uma vida nova
germinando da morte.

Vida nova, que parecia
se esconder das trevas.
E, na manhã, eu me voltei
e na distância eu o vi, ELE.

O que surpreende no corvo é o negror de suas penas. O preto tem algo de peculiar. Não sabemos se podemos considerar o preto como uma cor. Além disso, não foi ainda estabelecido, do ponto de vista oftalmológi-

co, como ele é percebido. O negro representa algo de oculto, tal como o "Osíris negro", o espírito inferior. O preto absorve a cor, o que evoca um movimento que vai do exterior ao interior, e vice-versa. Ele significa, por um lado, que a luz interior da alma ainda não está liberta e, por outro lado, que o pesquisador se distancia da luz comum da natureza. Como pássaro negro, o corvo é o sinal do começo do caminho espiritual. Na alquimia, ele simboliza "a obra negra", a fase do obscurecimento em que o alquimista morre no alambique, metáfora utilizada para designar a fase em que a personalidade sofre a endura. Não é por acaso que Cristiano Rosacruz abandona o corvo após o período da preparação. O corvo está sob a influência de Saturno, cujo metal é o chumbo. Na alquimia, os planetas e os metais correspondentes figuram no mesmo pictograma: os metais terrestres são manifestações de forças planetárias, e cada planeta é, por sua vez, a manifestação de uma força do sistema solar. Os planetas, como órgãos do sistema solar, têm determinadas funções no corpo solar. Notemos que não se trata tanto de corpos celestes materiais, mas de sua influência sutil, qualificada de astral (de *astra*, estrela) pela antiga *astrosofia*, tradição segundo a qual o sol (espírito, ouro) e a lua (alma, prata) pertencem ao setenário planetário. Os três planetas, Urano, Netuno e Plutão, são exteriores a esse setenário. Eles são chamados de planetas dos Mistérios porque dirigem e dinamizam processos espirituais de transformação. A terra, cujo metal é o antimônio, não faz parte dessa categoria.

As esferas planetárias do sistema solar exercem sua influência sobre a terra; elas têm uma função em relação aos reinos naturais, especialmente à humanidade. Sua atividade depende da orientação do homem sobre o qual ela é exercida. Muitas vezes ela tem por efeito ligar estreitamente o homem à terra. Mas para aquele que segue o caminho do desenvolvimento da alma, ela é exercida em sentido libertador.

O chumbo terrestre é formado sob a influência de Saturno, e permanece sujeito a ele. Dizem que os átomos de chumbo são "polarizados" por Saturno. Podemos ver Saturno sob dois aspectos: de um lado, ele é o semeador que elabora a forma pela cristalização. Assim se forma a parte mais densa do corpo humano, o esqueleto. Por outro lado, ele é o esqueleto com a foice, que destrói o que ele mesmo havia construído quando a cristalização está por demais avançada. O perecimento e a morte são seu império. Não surpreende, portanto, que na mitologia grega seja dito que Cronos (Saturno) "devora seus filhos".



O corvo e a águia. *Atalanta Fugiens*. Micheal Maier. Oppenheim, 1618.

O corvo, pássaro saturnino, é, antes de tudo, a expressão da consciência-eu isolada e privada de luz, de uma profunda descida na matéria e de um estado de afastamento de Deus. Mas quando o homem toma consciência da solidão e das trevas nas quais vive, já é o início da grande transformação.

Essa tomada de consciência é devida a um toque de luz, uma vez que as trevas não podem ver a si mesmas. Por isso é dito: "Compreensão é o portal", a porta de Saturno. Assim que o pesquisador aceita essa dolorosa constatação, ele se encontra literalmente mergulhado em uma "noite espiritual". Mas ele estará em condição de arcar com as conseqüências e de abandonar sua consciência terrestre no caminho da endura. A mitologia ressalta, em várias ocasiões, o aspecto positivo do corvo, sua grande inteligência. Nos emblemas alquímicos, o corvo é muitas vezes representado com uma cabeça branca.

Visto sob esse ângulo, o corvo já simboliza um nível superior de desenvolvimento. Ele simboliza também uma solidão livremente consentida e uma aversão pelo mundo sensorial exterior, quando começa a surgir uma nova orientação no ainda escuro ser interior. Não sente o pesquisador que a influência de Saturno, de tempos em tempos, o mergulha no pessimismo, um sentimento de opressão que ameaça paralisá-lo e que deve ser aliviado mediante consciente concentração? Sempre de novo a influência cristalizante de Saturno deve ser rompida. Não é sem razão que no pictograma de Saturno a cruz, ao mesmo tempo símbolo do corpo e da terra, está plantada no cume do semicírculo, símbolo da alma. Não é dito da alma oprimida pela influência de Saturno que ela "carrega sua cruz"?

Progressivamente, no início do caminho do homem-João, desenvolve-se o eremita de Patmos, que prepara os caminhos para seu Senhor e os torna retos, revestindo-se do tecido negro eremítico. A veste negra simboliza a alma que, pouco a pouco, se fecha para a luz do mundo dialético. O candidato no caminho dos Mistérios não se força ao auto-isolamento. Aspirando essencialmente à Luz, ele é naturalmente levado pela força crística. Essa é a grande e substancial diferença entre um autêntico processo de desenvolvimento espiritual e os caminhos ocultistas.



Um peregrino na senda. Afresco na entrada da Prefeitura de St. Giminiani, Itália. Foto Pentagrama.

O Cisne

Radiantemente branca é
minha plumagem.
a onda límpida que me carrega
reflete e mostra a candura de tudo
o que repousa no mais fundo
de mim.

Da alma erguem-se, pela voz,
canções em direção ao céu.
Eu renuncio a minhas asas,
pois só posso cantar em quietude:

Eu mergulho nas tonalidades
e meu corpo ressoa em harmonia.
O Universo, que escuta benevolente,
coroará meu canto puro de cisne.



A águia e o sapo acorrentados um ao outro. *Viridarium chymicum*, D. Stolcius von Stolcenberg. Frankfurt, 1624.

Pouco a pouco, o autoconhecimento depura a personalidade e seu campo de respiração. Em termos alquímicos: o branco cristalino aparece. É a segunda fase do processo. O campo de respiração purificado corresponde à rosa branca, também chamada de Rosa de João. Comparável a um lago límpido, nele se reflete, com maior ou menor intensidade, o sol do Espírito. Nesse lago repousa o cisne, símbolo da nova alma renascida da rendição à luz original. Sua veste é de linho branco. É a veste de Júpiter, o planeta que rege essa fase, a estrela mais brilhante do céu vespertino. O metal que lhe é associado é o estanho, que, quando polido, reflete mais claramente a luz. O pictograma de Júpiter é formado por uma meia lua apoiada no braço esquerdo da cruz. A influência jupiteriana inspira ao homem uma visão otimista, jovial (do latim *Jovis*, Júpiter).

O longo pescoço do cisne eleva a cabeça muito acima do tronco. A consciência domina a matéria. Esse novo estado verídico e transbordante de alegria encerra, todavia, um perigo. De fato, o aspirante corre o risco de se fixar no pensamento imaturo de que realizou um progresso espiritual. E isso torna a fase do cisne mais evidente. Um outro perigo inerente a esse novo estado é o orgulho, como por exemplo, o de se apegar às belas aparências. Mas se quiser chegar ao estágio seguinte, o candidato deverá entoar seu canto do cisne, o canto da endura.

É bom notar que outros animais simbolizam essa fase do processo alquímico, tal como a pomba branca, ou a águia branca que luta com o dragão.

O Basilisco (ou dragão alado)

Mas, das profundas trevas,
nasceram serpentes,
que me cobriram de mordidas,
lancinantes mordidas, até sangrar,



Foto
Pentagrama.

e penetraram meu ser interior.

Suas presas tão afiadas e tão duras
fizeram minha alma enrijecer
ao vê-las.

"Para nos deixar morrer no deserto
foi que nos tiraste do Egito?"

Então o Senhor disse:
"Molda uma serpente de ferro
e ergue-a como um sinal.
Quem quer que seja mordido,
ao olhá-la, viverá".

Da cruz no deserto
chamei os vivos
e o sangue dos vivos,
corre em minhas veias.

E uma voz disse:
"Este é meu filho amado,
aquele através do qual
vem a salvação".

Então as serpentes desapareceram

As forças que ligam o homem à terra e à natureza são sólidas e resistentes. O basilisco representa a síntese dessas energias. Ele é o dragão ofídico que mata com um único olhar. Sua cabeça de galo freqüentemente tem uma coroa. Dizem que ele saiu de um abortado ovo de serpente ou de sapo, ou até mesmo do estrume, metáforas que nos remetem ao que é irracional, estúpido e maçante no homem, e que deve desaparecer. Aqui, o galo não é o arauto da nova manhã, mas o animal briguento de crista escarlate, símbolo do intelecto dominado pelos instintos animais. O basilisco também personifica um reizinho, uma imagem de plástico do rei cisne, o eu que tenta manter sob seu domínio a alma que desperta.

Desprovido de asas, o basilisco será contado entre os ofídios. Dotado de asas, ele se torna uma ave dos Mistérios. O planeta Marte é associado a ele. Marte polariza o ferro e aquece o sangue do ser humano. Graças a essa polarização, o homem pode converter a vontade em ações. Aqui, ação e agressão estão estreitamente ligadas, e não é por acaso que Marte seja também o deus da guerra, divertindo-se em engendrar a violência e derramar sangue.

Para o homem em busca de espiritualidade, a antiga consciência pélvica, própria da vida terrena, é perturbadora. Não somente por causa da energia sexual que aí tem sua sede, mas principalmente porque a vontade inferior tem sua sede no santuário pélvico cujo "cérebro" é o plexo solar. Daí nascem sugestões irracionais, dúvidas, descrença. Na travessia do deserto, os israelitas dirigiram a Moisés sua queixa: *Para morrermos no deserto foi que nos tiraste do Egito?*

Quem trilha o caminho da renovação da alma deve, durante essa fase, evitar agir inadequadamente. O fogo purificador pode ser provado quase que fisicamente como a mordida de uma cobra cada vez que os velhos hábitos fazem prevalecer seus direitos. É por isso que o Senhor diz a Moisés para erigir uma serpente de ferro, para a qual quem tiver sido mordido deverá voltar seu olhar, a fim de permanecer vivo. Esse processo é ilustrado por uma serpente pregada na cruz, a *serpens mercurialis* dos alquimistas. Essa serpente alteada é o oposto da besta rastejante; ela simboliza a consciência purificada e reerguida, em oposição à consciência terrena inferior. A vitória só é obtida à custa do sacrifico da vontade instintiva, de modo que ela já não reage às manobras do tentador. Segundo os alquimistas, é preciso apresentar ao basilisco um espelho que reflita seu olhar mortífero. O espelho é o símbolo do autoconhecimento, a observação neutra das forças emanadas de si e dos outros. Quando sobrevém uma emoção e o sangue ferve, o autoconhecimento permite, por assim dizer, manter a cabeça fria, sem apresentar nenhuma reação.

Às vezes o basilisco pode ser substituído pelo pavão, predador das serpentes. Graças ao suntuoso colorido da plumagem de sua cauda – a *cauda pavonis* – ele pode transformar as forças negativas em elixir solar. Os "olhos" da cauda do pavão simbolizam a sabedoria resultante do conflito com seu próprio carma negativo, o basilisco. Esse simbolismo possui, aliás, um outro significado: não é o pavão também o símbo-



O basilisco

lo da vaidade, do exibicionismo narcisista? Essa dupla interpretação é devida, provavelmente, a certos trabalhos alquímicos que vêem no aparecimento da cauda do pavão o sinal de que o processo alquímico fracassou. De fato, quando o candidato fracassou em não escutar as sugestões do adversário e contempla a si mesmo no brilho de seu pretenso adiantamento, ele confunde o caminho transfigurístico com o caminho oculto da cultura do eu. Em vista do sucesso do processo, a advertência é sempre necessária: Pergunta-te sempre se o que vês é a cauda do pavão do eu que se exibe, ou se é o espectro luminoso, aberto, da arca da promessa, o brilho do corpo-vivo gnóstico.

O Pelicano

Radiantemente branca é minha plumagem.
Sobre mim cintila a luz celestial
que minha brancura reflete,
cuja radiação transpassa meu coração.

Com o sangue vermelho
derramado de meu coração,
alimento meus sete filhotes
no refúgio de minhas asas.

Sob esta abóbada de vida,
eles transmutam o sangue do qual bebem
e a carne da qual se alimentam
em vida e em espírito.

Após ter suportado os assaltos do basilisco, o candidato pode ascender ao estado sacerdotal verdadeiro. As forças da nova alma são liberadas na consciência e postas a serviço do próximo, em oferenda sétupla. O pelicano que alimenta seus sete filhotes com o sangue de seu coração é o símbolo da tarefa sacerdotal de um autêntico rosacruz. O rito escocês retificado da franco-maçonaria comporta um grau rosacruz: "Os cavaleiros da Rosacruz", também chamados "cavaleiros do pelicano". A obra sacerdotal de amor ao próximo é colocada sob a influência do planeta Vênus. O pictograma que o designa, constituído de uma cruz encimada por um círculo, significa que o amor divino se eleva acima da matéria. Pelo aprendizado do amor ao próximo, o candidato tinge de vermelho a rosa da cruz de sua vida até que ela cintile com o brilho acobreado próprio do metal venusiano. Em um bestiário da Idade Média – registro dos animais reais ou imaginários, com seus atributos – encontramos a seguinte denominação: *Pie Pelicane, Jesu Domine* (piedoso Pelicano, Senhor Jesus). É-nos dito também que o pelicano não come mais do que o estritamente necessário para seu sustento, qualidade que indica o autodomínio, assim como o equilíbrio metabólico das energias, necessário nessa fase do caminho. No sentido mais amplo de seu alcance simbólico, o pelicano encarna o corpo-vivo de uma verdadeira escola espiritual concebido como a abóbada protetora de um campo de força e representado pelas asas abertas do pássaro que abriga os sete filhotinhos. Vários mitos mencionam que o pelicano mata seus filhotes que, após três dias, ressuscitam graças ao sangue de seu coração. É a imagem do campo de força espiritual, anunciando o fim do que é transitório antes do despertar da eterna floração.

Tu, pesquisador da verdade, permanece em paz
e lembra-te disto:
Abandona o curso desenfreado do tempo,
mesmo que seja dez minutos por dia.
Observa-te agir; presta atenção
a teus semelhantes, a seus atos.
Tenta descobrir seus motos, com toda objetividade,
e estende o alcance de tua compreensão
à realidade que te rodeia.
Lembra-te sempre que a sabedoria
é serena, e procura sua origem.
Mata teu orgulho, ridículo ao olhar de Deus.
Extirpa de ti a ambição que te faz ofender teu irmão.
Que nada te importe senão o sacrifício.
Dá prova de aplicação, mas com discernimento.
Evita, a cada minuto de cada dia,
dizer, fazer ou buscar coisas inúteis, e neutraliza-as.
Não faças nem digas nada de irrefletido,
para não gerar novas inquietudes.
Sabe bem que o mais forte é sempre aquele
que vence a si mesmo.
Se a dor te abate, procura o apaziguamento,
não te refugiando na insensibilidade
ou fugindo da realidade,
mas examinando-a na luz de seu pleno significado.
Compreende que a prova é um fogo purificador.
Quem desinfeta e cauteriza as feridas
aspira a essa ardente depuração,
pois nada te será revelado antes que sejas,
como uma fênix,
regenerado por esse fogo.
Vive no eterno presente.



A Fênix

Áureas são minhas asas
ao me erguer do sepulcro.
Todas as dívidas saldadas
pela graça do perdão.
Jesus Cristo, Fênix celeste,
acolhe-me em Seu reino,
o reino do eterno rei,
a ressurreição.

Quando a tarefa sacerdotal foi fielmente executada, sobrevém necessariamente a vitória sobre a vida inferior. Por essa razão, o pelicano é muitas vezes unido à fênix, o pássaro místico da ressurreição, ou mais exatamente, o símbolo da transfiguração, a segunda ressurreição. O planeta Mercúrio e seu metal correspondente, o azougue, estão relacionados com essa fase do processo.

O candidato celebra a primeira ressurreição realizando o renascimento da alma. É a fase do cisne, base da transfiguração. Na segunda ressurreição, o "divino azougue" leva o éter nervoso a um grau de intensidade tal que um jogo de flamas surge no cume da cabeça do candidato, o fogo de Pentecostes. É a hora da vitória sobre a morte. Na Epístola aos Coríntios, Paulo diz: *Então, se realizará a palavra que foi escrita: a morte foi tragada pela vitória*. A Palavra, a energia divina, foi há muito tempo inscrita no candidato, inscrita em seu coração. A irrupção da força mercuriana provoca sua efusão na alma e no corpo. O espírito divino faz aliança com o homem que aspira à elevação. O fogo de Pentecostes coroa a cabeça com suas chamas. A cabeça da fênix é adornada com uma majestosa coroa de penas. Encontramos também representações da fênix com duas cabeças, para

mostrar que o homem é andrógino, que ele une em si mesmo o masculino e o feminino.

Como a cauda ardente de um cometa, a radiação da alma espiritual preenche o campo de respiração do candidato e o aureola de ouro. Tudo o que subsistia da corrupção foi consumado. O ouro é o metal do sol, a síntese dos sete metais, entre os quais encontramos a prata (a lua), símbolo da luz da alma. Os sete metais são levados a fusionar, sob a ação do azougue. Nesse novo composto, o fator glúten, constelação impura dos metalóides do sangue que servem de vetores às influências cármicas, é totalmente dissolvido.

No livro, *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz,* menciona como Cristiano Rosacruz foi tocado pelo esplendor da fênix. Sua garganta brilha com o ouro do chacra tireóideo, seu corpo e suas asas são de púrpura brilhante. No simbolismo rosacruz, essas imagens remetem ao Graal interior do candidato e ao manto violeta do sacerdote-rei, com o qual o peregrino se envolve no final da viagem.

Em uma antiga litografia aparece o ninho abrasado da fênix, de ramos trançados, poderoso símbolo do renascimento. Do mesmo modo, as iniciais maiúsculas I.N.R.I. inscritas na cruz do Gólgota remetem à fênix: *Igne Natura Renovatur Integra* (Pelo fogo, a natureza é renovada inteiramente).

Eis, portanto, o caminho seguido pelo homem para se libertar dos grilhões da natureza da morte, conforme é expresso pelos animais alados dos Mistérios: do corvo à fênix. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea o define como o caminho da purificação e da experiência interior que, através do deserto da existência terrena, conduz a um estado de alma cujo eixo central é o serviço ao próximo.

Qual é o tamanho exato do microcosmo?

Isso depende. Podemos dizer que ele tem, em média, um diâmetro de 18 metros. Então, estamos aqui todos sentados uns nos microcosmos dos outros nos influenciando mutuamente. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da alma progride em microcosmos como esses, eles são purificados e restabelecidos e seus campos de irradiação, ampliados. E como a sabedoria universal nos ensina que a terra está em oração no corpo-vivo de Cristo, podem imaginar quão imenso é o microcosmo de Cristo. De fato, é um cosmo, ou melhor, um aspecto do cosmo.

O Universo é concêntrico

Um diálogo

Dois jovens descansam à beira de um rio durante uma pausa de uma viagem ao redor do mundo, cheios de incertezas e decepções. Eles deixaram para trás ilusões e quimeras, assim como a coação de seus antigos padrões de pensamento. Eles corajosamente jogaram no fogo do desmascaramento a hipocrisia alimentada com mentiras e abandonaram a "casinha de doces", o pseudoparaíso da fraude, e só carregam consigo a preciosa pérola da experiência.

É noite, e um vento fresco sopra do norte. As estrelas refletem-se na água. Os viajantes sabem que ainda não atravessaram o rio, porém deverão fazê-lo para chegar à casa paterna. Mas o que fazer? Cheios de confiança, contemplam o céu estrelado e escutam o silêncio. *O vento, o vento, filho do céu...*, como um murmúrio quase inaudível no silêncio da noite. A garota respira lentamente. Para ela, o vento é o segredo do Grande Alento que move o Universo. Ela sente a profundeza de seu coração onde pulsa o inefável. É arrebatador. Ela diz:

— O Universo é concêntrico. Sempre senti isso. É verdade.

— Como lhe veio essa idéia?, pergunta seu companheiro. De dia, vejo o sol no céu, e à noite, a Via Láctea. Não vejo nenhum centro do Universo em tudo isso.

— Sim, é o que você vê, mas tudo o que é visível no mundo vem de uma fonte interior invisível. E essa fonte interior provém daquilo que é ainda mais interior. O Universo exterior possui um núcleo, um núcleo interior. Ele é, portanto, constituído em torno de um centro.

O rapaz sacode a cabeça:

— Embora a ciência afirme algo parecido com sua teoria do Big Bang, eu não consigo compreender.

— Sim, mas a ciência tem em vista algo bem diferente. Na realidade, o centro do Universo está em você e em mim. Ele está em todos os seres. Da mesma maneira que tudo provém desse núcleo e deve retornar a ele, tudo está ligado de forma concêntrica a esse núcleo, compreende?

O rapaz percebe que sua amiga encara as coisas intuitivamente e não pode evitar contradizê-la:

— Não, na minha opinião, não se pode falar assim. O que se entende por centro é um ponto geograficamente ligado ao espaço e ao tempo. Impossível encontrar um tal centro no Universo. Acho que você só pode considerar "o coração do Todo", no sentido que você lhe dá, como princípio espiritual, uma energia espiritual onipresente, e não como um centro geográfico definido.

A moça nota que eles não falam da mesma coisa:

— Bem, você tem razão, compreendo o que você quer dizer. Mas vamos entrar em acordo sobre o significado desse "princípio espiritual"

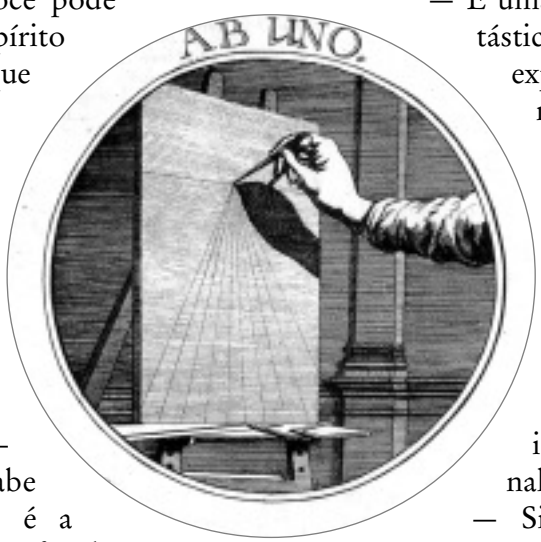
A unidade do microcosmo e do macrocosmo.

que seria o centro de tudo. Esse princípio espiritual, o Espírito onipresente, não está em todas as criaturas?

O rapaz sorri. Ele sabe que ela tem razão, mas quer encostá-la na parede:

— Cientificamente, o Espírito é indemonstrável! Supõe-se que ele exista. É só uma hipótese.

— Ó, você exagera! Já conseguimos nos libertar das ilusões, das imposturas e dos preconceitos, já queimamos as falsas verdades e nos despedimos dos paraísos fictícios e de sua pseudoliberdade. E como chegamos a isso? Porque o Espírito, *o vento, o vento, filho do céu*, nos guiou. Como você pode dizer que o Espírito não é nada mais que uma hipótese?



Ele dá umas palmadinhas na mão de sua amiga. Ele gostaria de obter dela uma definição exata, que não deixasse margem a dúvida. Ele bem sabe que o Espírito é a Causa eterna, o fundamento do Universo. Mas gostaria que outros também o descobrissem, que reconhecessem que a origem espiritual de tudo também está neles mesmos como o "absoluto":

— Percebemos muito bem que o Espírito, em nós e no Universo inteiro, é o alfa e o ômega. Nós o percebemos como uma força invisível, uma energia plena de amor e sabedoria que nos chama, nos acompanha e nos impele para frente. É preciso traduzir essa sua afirmação intuitiva de que o Universo é concêntrico em termos racionais se você quiser ser compreendida. Talvez possamos concordar com a expressão "informação original", no lugar de Espírito ou de Logos. A ciência descobriu que, atrás do Universo perceptível, deve haver um campo no qual está presente a informação original de toda a Criação; e que atrás desse campo deve haver um campo estático, um vácuo absoluto, de onde as energias se vertem em espirais no Universo perceptível e depois voltam à sua origem. Essas energias transportam toda a informação, permitindo a manifestação do Universo.

— É uma descoberta fantástica. Mas por que exprimi-la em termos complicados? A esse respeito o Evangelho de João diz: *No princípio era o Verbo*. A ciência diz agora: No princípio era a informação original...

— Sim, é um salto quântico em direção à verdade, diz o rapaz, imperturbável. Entretanto, quer coloquemos uma etiqueta nessa descoberta antes de guardá-la numa prateleira ou acrescentemos essa noção da informação original, a pergunta subsiste.

A moça exibe uma pérola, um mundo minúsculo, de beleza maravilhosa. Contemplando-a, ela busca compreender algo dessa "informação original", daquilo que o Espírito eterno quer comunicar a suas criaturas.

— Se os homens pudessem sentir

com o coração o que compreendem com o cérebro, se pudessem reconhecer essa "informação original do Espírito" como amor, sabedoria e liberdade, essa mensagem transpareceria em seus atos. Ou não?

Ela olha para seu amigo.

— Isso não seria possível, a menos que fosse feita uma distinção entre a falsa informação, a mentira, e a informação original, a verdade. Nós não tivemos essa experiência?

Ela meneia a cabeça:

— Sim, começando por desmascarar e dissipar as ilusões e as mistificações, tanto no mundo como em nós mesmos.

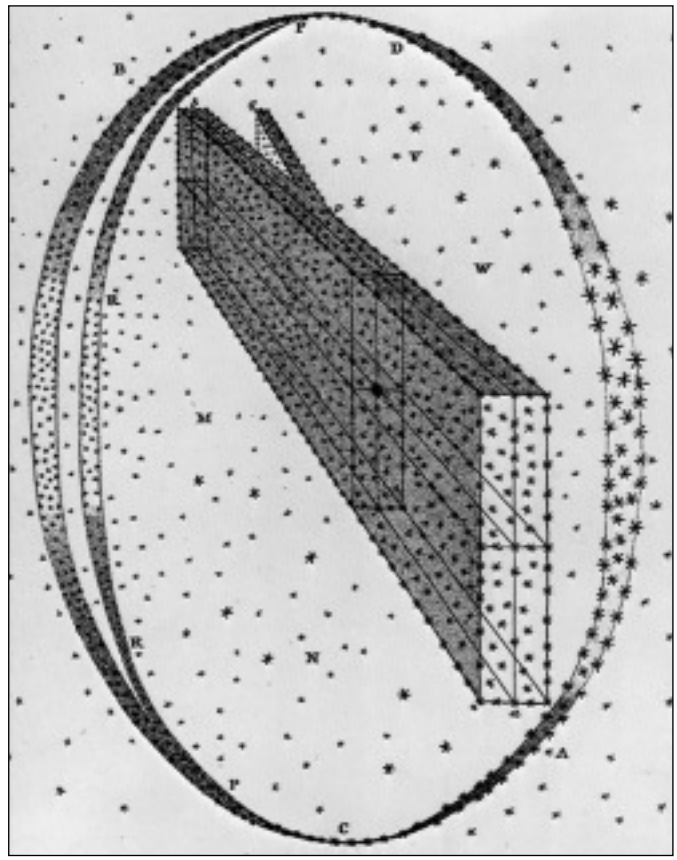
O jovem toma a pérola em suas mãos e diz:

— Para isso é preciso muita coragem e discernimento.

— Aspirar à verdade única. Sabemos como os homens são mantidos prisioneiros em seu pseudoparaíso, oprimidos, empanturrados, sufocados, devorados. Penso que, sozinhos, os homens armados de coragem e sedentos de verdade são capazes de desmascarar este mundo de ilusão e vencê-lo.

— Também penso assim, diz o rapaz, devolvendo-lhe a pérola. É preciso ser tocado pelo *vento, o vento, filho do céu*, no coração. A forma como se vê as coisas não é importante. Quer concebamos o Todo movendo-se em torno de um centro ou não, o essencial é saber se nós mesmos nos tornamos um centro ligado ao centro do Todo.

A moça faz a pérola rolar em suas mãos e fecha os olhos. Ela desce no mais fundo de si mesma e vê o Universo infinito se desdobrar como uma gigantesca rosácea luminosa. Todas as esferas, os sistemas solares, as estrelas e os elementos, as células e os átomos estão em movimento, chamados pelo Espírito criador a se tornarem conscientes. Ela se vê como um microcosmo ligado ao macrocosmo, em comunicação com ele. Eles se fundem um no outro e em torno de um centro único.



A Via Láctea segundo Herschel. *Observations tending to investigate the Construction of the Heavens*. Londres, 1784.

— O Espírito se manifesta através de todas as criaturas. Em você, em mim, em todos os seres... Em todo lugar, ele é o centro da vida. Mas o homem é constituído de modo que o Espírito aflua diretamente ao seu coração e seja percebido conscientemente na sua cabeça.

— Você quer dizer que o homem é o único a possuir uma alma receptiva ao Espírito?

— Sim, mas para ser penetrada pelo Espírito, a alma deve antes ser purificada. Ela deve ser renovada.

A moça retorna à sua visão.

— E quando a alma está pronta a se entregar ao milagre inefável...

Eles contemplam, serenos, a água onde se refletem as estrelas. As considerações filosóficas cedem lugar a um ardente desejo de retorno à pátria original. *O vento, o vento, filho do céu...*

Os dois amigos atravessam o grande rio do espaço e tempo, retornando em direção ao reino original do Espírito eterno, a pátria da alma. Eles levam consigo as pérolas preciosas de suas experiências, como um tesouro de luz.

Como é possível que, vendo que não temos razão nenhuma para ir a uma conferência de renovação, acabemos indo, apesar de tudo?

Vejam vocês mesmos como seres duplos. De um lado vocês são aqueles que vemos aqui, pessoas de carne e sangue; de outro, vocês carregam dentro de vocês um princípio fundamental, o germe da vida original da humanidade. Esse princípio foi encapsulado por sua vida cotidiana: é preciso aprender, estudar, trabalhar, ganhar o pão, ocupar-se do parceiro, da família, dos passatempos, das diversões, e assim por diante. Mas o princípio em vocês trabalha. Ou dito de outro modo: ele responde ao chamado da Gnosis, ao chamado da Fraternidade, onipresente no mundo, que o impele a buscar a fonte desse chamado. Quando, por exemplo, uma conferência se aproxima e vocês se inscrevem nela, pode acontecer de repente que toda espécie de coisas grandes ou pequenas se apresente naturalmente como absolutamente necessárias e, no entanto, vocês gostariam de ir à conferência. Então seu eu imaginará todas as artimanhas possíveis para vocês não irem, pois já compreendeu, há muito, que uma conferência dessas não é feita para sustentar, lisonjear e polir o eu, mas para alimentar a alma em crescimento no microcosmo e contribuir com seu desenvolvimento. O eu e a alma se opõem a maioria do tempo: onde o eu se adianta, a alma se retrai; quando o eu dá um passo para trás, a alma cresce. A humanidade adentrou um tempo em que deve cuidar do desenvolvimento da alma. Assim, o apelo da Gnosis se faz mais premente enquanto que o eu se insurge cada vez mais. E cabe a vocês escolherem a qual dos dois darão preferência. Por esse motivo, avaliem cuidadosamente todos os obstáculos, e verão que existem muito poucos que são reais impedimentos. Porém, não percam de vista a meta da conferência. Falamos de conferências de renovação que trabalham para uma renovação de todo o ser. Vocês logo verão que todos os problemas se resolverão de modo elegante, e às vezes de forma inesperada e maravilhosa.

O garimpeiro

Sentado na margem de um rio muito antigo em algum lugar no sul da Suécia, procuro ouro, horas a fio, dia após dia...

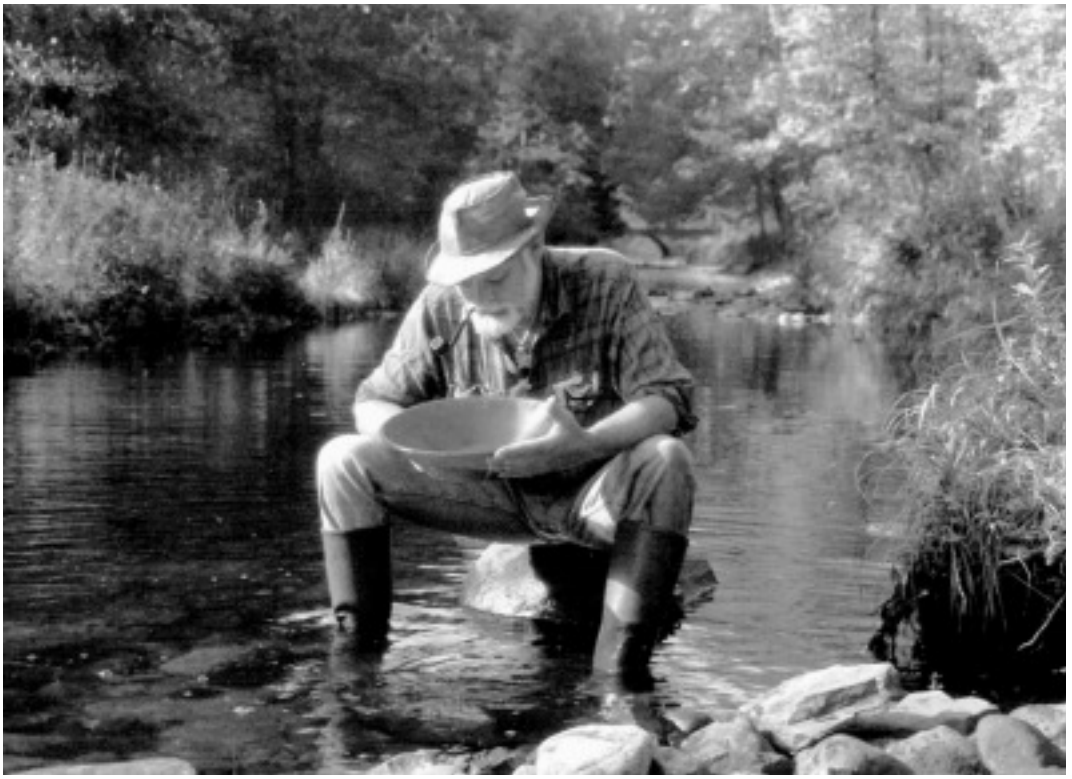
Os sedimentos deste rio contêm pepitas compostas quase inteiramente de ouro vinte e quatro quilates. Segundo a ciência, elas foram elaboradas há quatro ou cinco bilhões de anos, no decorrer da formação do planeta. Originalmente elas estavam encerradas nas rochas, mas ao longo do tempo, a água as erodiu e liberou as pepitas de ouro que foram se depositando em lugares tranqüilos no cascalho. Há bilhões de anos elas descansam aí, cintilando com seu brilho amarelo ouro, como no primeiro dia.

Minhas mãos agitam mecanicamente a bateia. Sonhador, eu me pergunto como cheguei a isto. Eu investiguei aqui e acolá, e havia conseguido dicas sobre os lugares mais produtivos. Comprei livros especializados e a parafernália dos garimpeiros. Eu não precisava de muita coisa: um banquinho, botas de borracha, uma pá, uma bateia, e um garrafão para recolher meus achados.

Eu percebia o alcance tão simbólico do garimpeiro, a lavagem do ouro. Eu via mais de uma analogia com o caminhar de um pesquisador da verdade. Antes de tudo, minha bateia azul escuro: o azul e o ouro eram as cores emblemáticas dos faraós. No interior, ela tem cinco concavidades superpostas para reter o ouro. Graças ao crivo, descarto facilmente o cascalho. É a operação menos longa. Depois seguro a bateia, meio cheia de lodo, dentro da água do rio, agito-a durante vinte segundos de tal modo que a areia, cascalhinhos e outros minerais sejam levados pela correnteza. Já que o ouro é especificamente mais pesado que a areia e os cascalhinhos, ele vai para o fundo. As partículas mais leves de areia fina, de limo e de húmus ainda em suspensão também são levadas pela correnteza. No início, o conteúdo é turvo, o que é explicado pelo fato que, antes que o puro e o impuro se separem, o impuro ainda turva o puro e impede que ele seja percebido.

Assim que, desembaraçada da areia e dos minerais grosseiros, a água clareia, estamos seguros de que as pepitas estão no fundo, sem um grama de perda. É preciso sacudir a bateia mantendo-a inclinada. Os últimos resíduos, levados pelo movimento da água, são expulsos. Por causa da gravidade, as pepitas descem, pouco a pouco, passando pelos cinco patamares do recipiente.

Quando, enfim, percebemos o fundo, é excitante. Tiramos a bateia da água e a esvaziamos dando-lhe leves movimentos oscilatórios. Que alegria ver essas pequenas partículas brilhantes movimentadas no fundo da água. Elas são pegas delicadamente e depositadas no garrafão cheio de água. Mas a descida rápida de alguns fragmentos é suspeita. É realmente ouro, ou



somente pirita de cobre amarelo ou ouro-de-tolo?

O que fazer? Se for ouro, essas pequenas partículas poderiam ser levadas pela água. Se for o falso ouro, poderão ser jogadas fora depois. É por isso que tudo que brilha vai para dentro do garrafão. O verdadeiro e o falso estão tão misturados que é difícil avaliar. A experiência mostrou-me que só raramente podemos identificar o ouro verdadeiro quando ainda sobra areia. É preciso, portanto, continuar a decantar, até que estejamos seguros do resultado. Gostaríamos de estar seguros antes do fim, porque alguma coisa poderia escapar ao exame e se perder.

A bateia é novamente mergulhada na água, inclinada, sacudida, novamente e sempre. A tensão sobe: o pó de pirita, lentamente, acaba saindo, mas não chegamos ao final de nossas penas. Ainda permanece uma fina camada de areia ferruginosa, com reflexos amarelos e pretos. Lavamos e lavamos novamente até só ver um pequeno depósito, um resto de areia com a forma de uma ilhazinha. Com um leve movimento da mão, imprimimos uma onda imperceptível para nos desembaraçar dessa areia. É somente então que aparecem finalmente algumas brilhantes lantejoulas amarelas. Pirita ou ouro?

Não, não é pirita, pois elas rolariam em todos os sentidos. Essas aí permanecem imóveis em razão de seu peso específico. É evidente: é ouro! Todos os meus esforços são recompensados. Eu retiro as pepitas e as ponho num garrafão onde elas afundam, cintilando suavemente.

Uma tarde, tive a oportunidade de conversar com um garimpeiro tarimbado. Eu compartilhei com ele minhas experiências, minhas dúvidas, minhas esperanças e meus esforços

No fundo da bateia o ouro brilha.

para não perder um grama de ouro. Ele me dirigiu um olhar incrédulo e disse:

— Eu, quando estou seguro de estar em um canto onde há ouro, não me deixo atormentar por esse tipo de problema, porque aprendi a discernir o verdadeiro do falso. Eu lavo... e lavo... simplesmente, e obtenho ouro.

Ele me convida a lhe mostrar minha colheita do dia. Não sem orgulho, esvazio o conteúdo de meu garrafão na bateia onde permanece um fundo de água. Forma-se um montículo de mineral amarelo e brilhante.

— Nada mal, diz ele.

Com mão experiente, ele faz ondular a água e bruscamente meu pequeno montículo se cinde em dois, uma parte permanecendo grudada no fundo:

— Esse montinho aí é ouro, ele diz, e o recoloca no garrafão. O restante é só resíduo de falso ouro e outras sujeiras.



Como prova, ele esfrega uma lamela de pirita no fundo. A lamela desaparece e somente permanece um traço amarelo, algo impossível de acontecer com o ouro verdadeiro.

Sentado na margem de um rio muito antigo, procuro ouro, horas, dias a fio... Nada de incomum, todo mundo pode fazê-lo, mas, mesmo assim, é algo extraordinário.

Existe um modelo que podemos seguir na vida?

Falamos da "nova atitude de vida" para auxiliar vocês no caminho. Sua finalidade é torná-los conscientes das escolhas que terão de fazer. A partir dessa nova atitude de vida surgirá eventualmente uma norma nova e vivente que lhes servirá de fio condutor. Trata-se de uma norma que, jamais sendo rígida, se renova à medida que a alma se liberta. Quando a alma está liberta a ponto de poder unir-se ao espírito, é o próprio espírito de Deus que se torna seu guia direto. Ela já não necessita de normas e valores estabelecidos, pois haure diretamente da fonte do espírito. A derradeira meta desse processo talvez ainda esteja longe no horizonte, mas estamos todos a caminho para alcançá-la. Uma vez alcançada a meta, podem imaginar que terão se tornado homens totalmente novos, literalmente novos, segundo o corpo, a alma e o espírito, e que considerarão o mundo de modo completamente diferente.

A DUPLA HISTÓRIA DO HOMEM

Cada pessoa deve fazer escolhas, tomar decisões. Cada pessoa é colocada diante de uma ética de comportamento. De que critérios ela dispõe? Como são eles definidos? Essas perguntas não dizem unicamente respeito às autoridades e aos cientistas. Na cultura ocidental desenvolveu-se, pouco a pouco, uma grande tensão entre a razão e a moral. Todos conhecem a incerteza que resulta do fato de sermos influenciados por idéias contraditórias. O mundo todo é confrontado com isso, e busca uma solução.

Os reflexos na água ilustram o princípio bem conhecido: *"Assim como é em cima, é embaixo"*. Mora, Suécia. Foto Pentagrama.

Na filosofia hermética, a Criação é entendida como a manifestação sétupla do "Logos". Hermes Trismegisto explica que a Criação entra em manifestação com o desdobramento de sete campos, de sete domínios cósmicos que formam a totalidade do espaço. Essa sétupla criação cósmica está encerrada na divindade inefável e incognoscível.

No decorrer de um diálogo, Hermes ensina a seu filho Tat o que é a Criação. Tat personifica o homem que busca o divino e que se indaga sobre a origem da alma. Hermes é o mestre da sabedoria que explica a sétupla manifestação do Logos, a Criação. Essa questão é da maior importância, porque o homem tem o dever de compreender qual é o seu lugar e qual é a sua vocação nessa Criação. No oitavo livro do *Corpus Hermeticum*, Hermes diz: *Deus não seria verdadeiramente se não fosse invisível. Porque tudo o que é visível foi criado, veio um dia à manifestação. O que não é perceptível, porém, é em toda a eternidade, pois não tem necessidade de manifestar-se; Ele é eterno e dá manifestação a todas as outras coisas. [...] Deus é, conseqüentemente, tanto sem aparência perceptível como invisível; mas visto que Ele dá forma a todas as coisas, Ele se torna visível através de tudo e em tudo.*

Característica do mundo invisível: o equilíbrio do elétron e do antielétron ou pósitron, da matéria e da antimatéria, do universo e do antiuniverso segundo Carl Anderson, 1932.

A *Tabula Smaragdina* resume esse ensinamento muitas vezes mal compreendido: *Assim como é em cima, assim é embaixo*. Essa idéia é uma verdadeira incitação à busca do conhecimento. O mundo dos sentidos, em seus menores detalhes e recantos, é analisado, investigado, sondado, "dissecado" como se costuma dizer, para que se possa descobrir e penetrar a realidade e as causas da existência.

Francis Bacon (1561-1626), um dos fundadores da ciência empírica, disse: *O homem tem necessidade da ciência para arrancar os segredos da natureza e dominá-la*. As leis da natureza que nos são agora conhecidas e as forças a elas relacionadas foram descobertas no decorrer da incansável exploração da natureza e do Criador.

A cada instante temos de fazer escolhas e delas assumir as conseqüências. Os processos, os resultados, as aplicações e implicações em relação ao conhecimento assim adquirido nos levam à pergunta: "Até onde pode-



Tat é o filho de Hermes. É o homem devotado ao Pai, coração e alma, e que lhe obedece. A antiga sabedoria de Hermes não pode ser abarcada nem penetrada a não ser por um entendimento, um intelecto ou uma vontade superiores.

O homem não pode compreender a sabedoria de Hermes senão através do órgão de percepção espiritual: a rosa do coração.

Ele, o uno-sem-nascimento, se torna visível através de tudo e em tudo, principalmente àqueles a quem quer manifestar-se.

Pensar, no sentido hermético, não constitui uma atividade intelectual, do mesmo modo que a atividade do coração não equivale a uma inteligência emocional. No décimo quarto livro do *Corpus Hermeticum*, Tat diz a Hermes, a respeito do renascimento e da promessa de silêncio:

Em teu discurso geral, Pai, te exprimiste de modo muito enigmático e vago quando falaste sobre a natureza divina. Tu não ma manifestaste dizendo que ninguém pode ser salvo se não nascer. Porém quando, durante a descida do monte, e depois de tua conversação comigo, eu te supliquei, interrogando-te sobre a doutrina do renascimento, para que eu a conhecesse – visto que isto é a única coisa da doutrina toda a mim desconhecida – tu me prometeste transmitir este saber tão logo me desatasse do mundo.



Átrio do templo de Hathor, Dendera, Egito. Aquarela de David Roberts. *Egypt & Nubia*, (1796-1864).

mos ir nessa pesquisa e nas suas aplicações?" Onde estão os limites? Será que existem limites? Por exemplo, em relação ao aborto, à doação e ao transplante de órgãos? Em relação à bioindústria? Quais poderiam ser as conseqüências disso para o homem e o animal, para o meio ambiente, para a vida na terra?

Essa pesquisa infindável da causa primeva da Criação, da essência da própria identidade, não parece ter levado o homem muito longe. O que ele procura? Como ele quer ampliar sua compreensão das coisas? Suas descobertas e suas aquisições o conduziram a uma realização qualquer, a uma felicidade maior? Será que ele atingiu seu pleno desenvolvimento? Ele se tornou de fato um ser vivo consciente?

Muitas pessoas se perguntam diariamente por que suas existências são do jeito que são. Elas gostariam de compreender a razão de sua triste condição, de sua insatisfação, então, informam-se junto a todo tipo de autoridades. Elas fazem uma retrospectiva de sua história pessoal, cavam sua genealogia, analisam sua linhagem sangüínea e suas especificidades.

Assim, elas se debatem, suspensas na teia de aranha do pseudoconhecimento, dos dogmas, das polêmicas e das disputas de oratória que constituem a dualidade que retém a humanidade prisioneira. Elas acabam por tomar consciência de estar submetidas às influências de um passado que não foi nem compreendido, nem integrado. O individuo (in-dividido) só tem uma certeza: a morte. Albert Camus, escritor existencialista francês

Eis o que fiz, e me fiz forte interiormente contra a ilusão do mundo. Queira, então, agora, preencher o que me está faltando, como me prometeste, e agora instrui-me sobre o renascimento, seja oralmente, seja como mistério. Porque não sei, ó Trismegisto, de que matriz nasce o verdadeiro homem e de que semente.

A sabedoria é correntemente definida como um estado de consciência que resulta de muitas experiências de vida. Aquele que possui sabedoria, como dizem, tem a noção do relativo. Ele não reage diretamente a um rumor, guarda seu julgamento com prudência, tem o poder de permanecer objetivo diante dos homens e dos acontecimentos. É por isso que pensam que a sabedoria cresce com a idade, quando, afastados da vida ativa, nos tornamos capazes de olhar as coisas com uma maturidade comprovada.

Mas Hermes não pensa assim! Senão, a situação dos herméticos no mundo seria diferente, e veríamos jovens ter de pacientemente praticar antes que a verdadeira sabedoria se tornasse parte deles. Não! Hermes insiste em que ela *não* tem relação com idade, nem com condições de vida, caráter, talento ou *status*.

Na primeira Epístola aos Coríntios (2: 6-13), Paulo descreve a sabedoria hermética:

Todavia, falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória.

Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito, porque o



Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. [...] As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina [...].

A elevada sabedoria pode explorar "as profundezas divinas" e conhecê-las, com uma condição: o renascimento, segundo diz Hermes. Ele se refere ao nascimento do Único Bem no homem.

Quem é que opera o renascimento?, pergunta Tat. O filho de Deus, O Homem único, segundo a vontade de Deus. *O que é o Único Bem? É o novo pensar. É*, diz Hermes, *a sabedoria que pensa no silêncio.*

Quem, através da misericórdia de Deus, atingiu esse nascimento de Deus e abandonou os sentidos corporais, está cônscio de ser formado de forças divinas e preenchido de alegria interior.

Hermes ensina essa arquignosis ao coração do homem que se tornou interiormente silencioso. Não de um silêncio forçado, como aquele que pratica o homem sensual em busca de experiências e de prazeres. Nem do silêncio forçado da obediência. Mas do silêncio de um espírito lúcido e vigilante, que sabe o que o mundo dos sentidos não pode revelar. O que o mundo dos sentidos tem a oferecer é a multiplicidade, a mudança, um fluxo e um refluxo de forças opostas, de conhecimentos fictícios e de aparências onde a alma se perde. *É preciso compreender o sentido das palavras de Hermes, pois ele não se dirige ao homem em geral, mas a seu filho Tat, isto é, a um iniciado de alto nível, um pesquisador que descobriu o essencial, a verdade da alma, que encontrou o tesouro da alma e compreende aonde isso o leva. [...] Hermes dificilmente conceberia que um pesquisador verdadeiro, um iniciado da Gnosis, continuasse a abordar o problema do lado errado, do exterior.*

J.v.Rijckenborgh

(1913-1960), denominava essa certeza de "a grande injustiça".

Alguns pensadores encaram o homem como um ser racional e pragmático, mas emocionalmente subnutrido, em busca do divino. Hoje, Deus está de volta. "É um intervalo comercial", como disse um jornal (BRON), um produto de consumo fabricado sob medida, destinado a preencher o vazio espiritual e emocional. Após refletir, devemos concluir: na relação de amor e ódio, entre a razão e a religião, a vantagem retorna à razão, o que traz grandes conseqüências.

Paralelamente, existem aqueles em quem o segredo da liberdade e da ordem, da beleza universal, da verdade e da bondade, irradia como um fogo flamejante. Guiados para essa realidade interior, eles percorrem um caminho de luz através do deserto das idéias fixas e contraditórias. Eles não se apóiam em nenhum credo, em nenhuma tese, nem mesmo nas ligações de causa e efeito. Eles pregam a tolerância, a obediência, a paz, a fraternidade, o amor. Mas enquanto o homem não conhece a si mesmo, não pode entrar em contato com esses valores a partir do interior, não pode dar provas de tolerância, nem proteger seu próximo. Ele está sujeito ao medo e à autoconservação. O amor de Cristo lhe é estranho.

A história desses visionários é a da rebelião e do combate. Não tanto contra a autoridade ou a ordem social, mas contra a opressão e a docilidade servil que ela gera. Existem muitos desses revolucionários que revelam a todos a elevada origem do homem e sua posse interior indestrutível: o segredo da Alma.

Enquanto estou no templo, tudo fica claro para mim e estou cheio de entusiasmo para fazer o que deve ser feito. Mas, lá fora, tudo se embaça novamente e depois de dois dias já perdi totalmente esse estado. Como recuperá-lo?

No templo, vocês abrem o coração ao que lhes é ofertado. Mas lá fora, vocês reencontram a vida habitual, e, antes mesmo de se aperceberem, o conhecimento foi novamente envolvido nas tarefas cotidianas. Portanto, é importante conservarem o coração aberto o maior tempo possível. Vocês conseguirão isso dando o justo valor a seus desejos e pensamentos, e purificando o coração sem cessar. E isso, em sentido espiritual. Dessa forma, permanecerão mais facilmente ligados ao auxílio da Gnosis, que está presente em todo lugar para carregá-los. Damos a essa atitude o nome de "orientação", isto é: estar voltado para a verdadeira meta da vida e para o processo de renovação necessário para alcançar essa meta. Vocês estão nesse processo. Voltem-se para ele e notarão que, então, tudo que descobrirem, ouvirem, lerem e receberem lhes permitirá avançar.

O homem não está pronto

Filósofos, pensadores e gnósticos sempre tentaram compreender de onde provém a aspiração à felicidade. Ela é definida, na Psicologia, como uma inclinação a uma existência desprovida de dor e de desgosto. Um simples olhar sobre si mesmo e sobre o mundo revela que não obtivemos nenhum resultado nesse assunto.

Segundo a doutrina da evolução de Darwin, essa busca teria sido iniciada por uma ameba das águas primitivas aspirando a um meio ambiente mais favorável à conservação de sua espécie. Ao término de um desenvolvimento de organismos cada vez mais complexos e de uma vida em sociedade cada vez mais engenhosa teria surgido o homem, sempre impulsionado pela procura de um meio ambiente ideal.

No século XX o homem exige cada vez mais e já não se contenta com um clima agradável e um teto sobre sua cabeça. Antes de tudo, ele precisa de um lugar protegido e de assistência social. Em seguida, ele deve encontrar os estímulos sensoriais, emocionais e intelectuais que possam, momentaneamente, distraí-lo em sua corrida desvairada.

O homem é um milagre da natureza. Ele tem a faculdade de considerar a si mesmo como um sujeito pensante, até mesmo como uma unidade, o que infelizmente ainda não é o caso. Seus comportamentos são determinados pelo seu "tipo". Para assegurar sua sobrevivência, ele deve satisfazer cada uma de suas necessidades. Se ele não obtém rapidamente o alimento correto, não consegue realizar suas tarefas. Ele precisa se relacionar com seus semelhantes para não perecer, armazenar impressões para alimentar sua consciência, um mínimo de movimentos para que seus músculos não se atrofiem e respirar a cada segundo para permanecer vivo. Mas, para que serve tudo isso? Afinal, apesar de seus esforços obstinados, o fim chega inelutavelmente, e os elementos constitutivos de sua forma logo se dissociam.

Nada além da sobrevivência do mais apto?

A vida está assentada em bases precárias. Grandes problemas surgem porque todos os homens estão empenhados ao mesmo tempo nessa corrida pela felicidade. Daí enfrentam diariamente grandes e pequenos conflitos. Além disso, somos obrigados a reconhecer nossa insensibilidade frente às dificuldades que algum concorrente possa encontrar no decorrer dessa busca. Quase todo mundo reage da mesma maneira às mesmas circunstâncias.

Essa é uma constatação perturbadora. Nada além da sobrevivência do mais apto? Embora a teoria evolucionista seja de uma lógica inegável, ela se revela muito restrita, em sua aplicação prática, para aqueles que buscam o



O caminho que leva à liberdade. Foto Pentagrama.

fundamento espiritual da vida. Os criacionistas (que sustentam que Deus criou o mundo), integrando a biologia à história da Criação, consideram, com os realistas, a teoria da evolução como correta. O biólogo Gould afirma que o mundo é o resultado do concurso de circunstâncias e o surgimento do homem é fruto do acaso. Ele vê a evolução como uma escada oscilante onde o mais forte dá sempre um pequeno passo adiante. De acordo com ele, todo sistema moral só pode ter uma base humana. Um impulso superior qualquer é impensável. Em suma, nada poderia existir fora do plano material. O erudito Simon Conway Morris considera, ao contrário, a Criação como um processo inteiramente dirigido: *Se a história da*

terra recomeçasse a partir da origem, veríamos aparecer no final de três bilhões de anos uma vida inteligente antropóide. Isso é inevitável. No meu ponto de vista, o mundo é de fato um lugar muito mais estranho do que o imaginamos. É importante, para mim, preservar este sentimento de surpresa.

Conhecem alguém que tenha conseguido isso?

No final de uma longa corrente de acontecimentos teria surgido o fenômeno "homem" como uma manifestação puramente biológica. Então, de onde lhe vem essa perpétua aspiração à felicidade? Existe, em algum lugar, uma felicidade perfeita, incondicional? O leitor conhece alguém que já conseguiu isso? É claro que cada um de nós já encontrou pessoas que alcançaram um certo equilíbrio, por exemplo uma relação harmoniosa com seus próximos, ou na área profissional. É preciso reconhecer, no entanto, que não há felicidade permanente. No entanto, não há ninguém que não aspire ou lute por felicidade. Algumas pessoas dizem que já têm um pouquinho de felicidade, como por exemplo, nos círculos familiar e social. Sejamos realistas: "Conte suas bênçãos!" Outros estão corroídos por suas grandes carências. Eles sentem a nostalgia de uma vida que lhes parece inacessível, imperceptível, indescritível, intangível; e nossa vida cotidiana continua, dia após dia, e só excepcionalmente nos perguntamos:"Por que vivo?"

Essa visão se apóia na sabedoria universal

Haverá pergunta mais importante? Nos templos iniciáticos egípcios, três perguntas eram feitas aos candidatos: "Homem, quem és? De onde vens? Para onde vais?" Não é o Criador quem as faz às suas criaturas, a fim de tocá-las, ou pelo menos convidá-las a examinar suas vidas?

Presume-se que a terra tenha 4,7 bilhões de anos e uma expectativa de vida de mais três ou quatro bilhões de anos. A teoria da evolução considera que a humanidade tem um longo desenvolvimento pela frente. Mas, segundo outra acepção, o homem ainda não está terminado e isso está de acor-

E.Pauli escreve em "O Eremita":
Há pessoas, e sempre houve, que por natureza permanecem solitárias, que só contam consigo mesmas, e outras que aprenderam a ser unas com a espécie humana.
As primeiras não estão erradas. É preciso conhecer esse estado antes de aprender o segundo. Instintivamente, os pensamentos, os sentimentos, as escolhas e os atos se referem primeiramente ao eu, e muitos param por aí, e não vão além.
Mas aqueles que desse modo não limitam seus horizontes e que os ampliam até certo ponto, certamente vão ao encontro de grandes sacrifícios e sofrimentos, pois vivenciam a dor do mundo como sua própria dor, e lutam incansavelmente contra o mal, não apenas por si mesmos, mas por todos.
Houve um homem que ampliou seu horizonte como ninguém antes dele. Não se tornou ele por esse motivo, um sofredor? [...] É preciso criar uma ligação entre o que constatamos e o que temos de suportar. Poderia existir um herói na ausência de perigo mortal? A coragem tem uma irmã mais modesta, porém, não menor: a paciência. Poderia a paciência amadurecer sem um sofrimento prolongado?
Quem sabe qual ser humano deve adquirir quais bens espirituais antes de se tornar o que ele é e é chamado a se tornar? E quem sabe por que meios ele os obterá?



do com a sabedoria universal que diz que o homem está sujeito a contínua transformação: a Criação se transforma, os tempos mudam, assim como as circunstâncias e todas as criaturas. Enquanto há vida, há progresso, há mudança. De um lado, degenerescência e declínio, de outro, regeneração e renovação fundamental de vida. Porque esta é a verdadeira evolução: o desenvolvimento da consciência interior. O mundo é o produto de um ato criador. O homem, com suas indagações, seus limites, sua ferocidade e sua estreiteza de espírito, é um produto deste mundo. Ele também possui formidáveis possibilidades de renovação interior.

Fazemos a mínima idéia do que uma tal renovação exige? O vasto cenário do mundo infelizmente não nos fornece indícios sobre esse assunto. Temos de dirigir nosso olhar para dentro de nós mesmos. A espécie humana avança penosamente frente às condições mundiais, através de tristeza, lutas e injustiças. Porém o Homem, com h maiúsculo, procura seu caminho no interior do ser. Não no interior de um ser excepcional, como Buda ou Cristo, mas no interior de cada ser humano.

A música fortalece a alma

A vida cotidiana se desenvolve no ambiente em que vivemos. Porém, a consciência do universal, o desenvolvimento espiritual, deve surgir do interior do homem. Como ensinavam os antigos sábios, é no interior que está o verdadeiro campo de desenvolvimento. É nele que Arjuna busca a sabedoria de Krishna para guiá-lo em seu combate. É aí que os gnósticos encontram a Sophia, a sabedoria, e Buda encontra a Iluminação. É dentro de cada um que Cristo estabelece o reino dos céus.

Alguns dizem que somente em nossos dias a profundidade da *Paixão segundo São Mateus*, de Johann Sebastian Bach, pode ser realmente vivenciada. A precisão matemática da obra, a regularidade de sua estrutura, a pura beleza da linha melódica alcançam mais do que um objetivo musical. A música de Bach tem o dom de fortalecer alguns fundamentos da alma humana, como aspirar à liberdade, livrando-se dos pecados e dos limites, e também à harmonia e a uma maior compreensão da grandiosa Criação de Deus, na qual cada coisa tem seu lugar, bem como uma sonoridade própria, e tudo ressoa em unidade.

Aquele que busca no mais profundo de si mesmo encontra todos esses elementos. A sabedoria não surge do nada no homem. Para que possa compreender a arquignosis, o homem deve dispor primeiramente de um instrumentário adequado. A busca interior pressupõe pelo menos um início de vida interior, cujo progresso caminhará lado a lado com a aquisição da sabedoria. A vida interior sobre a qual escrevemos aqui ajusta-se aos primeiríssimos princípios de desenvolvimento. Para se elevar à espiral ascendente da consciência é preciso abandonar os níveis inferiores. Isso se aplica também à humanidade. Para ter uma vida interior é preciso despedir-se da vida exterior e de todo conhecimento experimental.

Uma tarefa quase irrealizável

Precursor dos rosacruzes do século XVII, Johann Arndt (1555-1621) escreveu: *Aquele que pudesse ver uma tal alma, veria a mais bela das criaturas em que irradia a Luz divina, por-*

que ela está unida a Deus e é divina, não por natureza, mas pela Graça.

Aquele que quer desenvolver essa alma com todas as suas qualidades latentes encontra-se diante de uma tarefa quase irrealizável. Em nossos dias, é difícil isolar-se do mundo e escapar à influência dos estímulos da existência cotidiana. É por isso que uma escola espiritual se apresenta em momentos como esses. Uma tal Escola dos Mistérios foi fundada em 1924, na Holanda, para poder levar adiante o novo trabalho mundial da Fraternidade da Rosacruz e se desenvolveu para se tornar o Lectorium Rosicrucianum, Escola Internacional da Rosacruz Áurea. O esforço de tantas pessoas culminou por capacitar o grupo a subir a corrente do rio universal em direção à Fonte quando o momento chegou. Nessa comunidade se delineiam os contornos do homem-alma que vive conscientemente. É por isso que podemos afirmar que uma fidedigna escola espiritual é uma incontestável conseqüência da evolução tanto quanto qualquer outra manifestação da Criação. Parafraseando S. C. Morris: *Se a terra tivesse de ser refeita, então surgiria novamente uma escola espiritual* como *a* resposta para a longa busca por felicidade.

O poderoso chamado do início da era cristã ressoa incessantemente: *Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque com ardente expectativa a Criação aguarda a manifestação dos filhos de Deus* (Romanos, 8; 17-22).

FONTES

E. Pauli, *De Kluizenaar* (O Eremita), Zeist, 1933, p.26-29.

S. Voormolen, *De Mens is geen Ongelukje* (O homem não é um acidente). Sobre Simon Conway Morris contra o acaso. NRC Hausdelsblad, Wetenschap en Onderwijs, 31 março de 2002.

Matthias Brobonius, *Delitiæ Poetarum Germanorum*, Frankfurt, 1612.

Johann Arndt, *Zes boeken over het Ware christendom*, 1607 (Seis livros sobre o verdadeiro cristianismo), ed. de 1736.

Como posso falar a meus amigos com o que me ocupo? Alguns pesquisam como eu, no entanto, não posso lhes dizer o que me atrai na Rosacruz.

Vocês só podem falar daquilo que vivem. Uma sabedoria aprendida não traz nada, nem a vocês nem a seus amigos. É bastante fácil discernir se alguém realmente quer aprender algo da Escola, ou se está apenas curioso. Eu comecei minha carreira na secretaria de redação de uma agência de publicidade. Meu patrão e eu tínhamos tempo para conversar e eu multiplicava minhas perguntas sobre o por quê e o como da vida. Eu podia falar com ele sobre tudo que havia descoberto. Ele me disse uma vez: "Se você pensa dessa maneira, então vá pesquisar na Rosacruz", sem despejar sobre mim uma avalanche de citações e de sábias sentenças. Suas respostas me estimulavam e davam forma a minhas aspirações. E, um dia, segui seu conselho. Procurei o endereço do núcleo e fui até lá, e foi meu patrão que abriu a porta para mim!

O lobo, animal dos Mistérios

O lobo é muitas vezes pintado como um animal cruel. Por atacar o gado e também, segundo alguns, até os homens, ele goza de pouca simpatia. Como os feiticeiros e os hereges, ele sempre serviu de bode expiatório. Na Bíblia, por exemplo, há a expressão "um lobo em pele de cordeiro" que, tomada ao pé da letra, serve de justificativa para que ele seja caçado e exterminado.

A imagem do lobo pode, entretanto, ajudar a descobrir os preconceitos de uma cultura. Não será o lobo o reflexo de um medo muito profundo que domina o homem, um medo inaceitável que ele reprime? Em Psicologia, um fenômeno bem conhecido é projetar em outro a nossa própria impotência. Por exemplo, em um país em que a situação política ou econômica não vai bem, procuram sempre um bode expiatório para fazê-lo responder pelas dificuldades inextricáveis. A imagem do "lobo mau" serve, afinal, para mascarar a própria maldade.

Estudos comportamentais demonstraram que o lobo se esconde instintivamente em vez de atacar. Desconfiado e medroso, ele foge dos homens. Ao mesmo tempo, ele é um espreitador e um caçador inveterado, sempre à procura de algo que possa satisfazer sua fome insaciável. Não acontece o mesmo com o homem? Finalmente, o lobo está relacionado com a morte, pois é um predador e um carniceiro; ele coloca o homem frente a frente com a fronteira entre a vida e a morte.

Nas línguas germânicas a palavra *wolf* significa "devorador de luz". A Edda, epopéia de tradição islandesa, conta que, na época do crepúsculo dos deuses, os lobos adquiriram força devorando a luz. Odin, o primeiro deus do panteão germânico, foi engolido pelo lobo Fenris (literalmente: aquele que desvia). Fenris é um filho de Loki, deus da mentira, o Lúcifer germânico. Os outros deuses foram obrigados a fazer um pacto com Loki para salvarem suas vidas, sem o que teriam a mesma sorte. O nome "Loki" significa flama ardente, abrasadora. Ele simboliza o mundo inferior, extraviado.

O próprio Odin possui dois lobos. Geri, o Guloso, e Freki, o Devorador,

A maioria dos animais prefere ficar distante do homem. Se não os atacarmos, eles não nos atacarão, a menos que estejam com fome ou que tenham ferimentos causados pelo homem. É comum que um animal mostre os limites de seu território com um silvo, um grunhido ou um uivo. Em todo caso, ele avisa a seu eventual concorrente que não se aproxime mais, uma conduta tipicamente humana, diríamos. Mas a advertência não é necessariamente um sinal de agressividade. Ao contrário, o desejo de conquistar e a paixão de possuir são atributos humanos e permanecem estranhos à maioria dos animais. Eles agem instintivamente; é isso que os faz não tomarem mais do que necessitam para sobreviver. O homem, sim, se deixa possuir por seus desejos e guiar por seus pensamentos; ele mata e destrói sem moderação. Por isso é dito que o homem é o animal mais perigoso da terra.



que são os servidores e os mensageiros do deus supremo. O deus grego Apolo também tinha um lobo mensageiro. A palavra grega *lukos*, de lobo, é análoga às palavras *lukhnia* "lâmpada, archote" e *luknophoros* que quer dizer "portador do archote". Nos ícones bizantinos, *Christophoros* (portador de Cristo) às vezes é representado com cabeça de lobo ou cão.

Parece que o lobo confronta o homem com algo muito profundo que o faz recuar e fugir diante do mistério da vida humana. Na Etrúria, por exemplo, vestígios dos Mistérios do lobo foram exumados. As urnas etruscas decoradas com cenas dão uma idéia desses Mistérios e de seus ritos iniciáticos. Um homem com cabeça de lobo é retirado de uma fonte profunda e sua aparência semeia o pavor na assistência. Um sacerdote trazendo uma taça ou um cálice esparge-o de água benta. Por esse batismo ele religa o homem com cabeça de lobo ao divino, enquanto a turba atira pedras no candidato à iniciação. Aqui, a cabeça de lobo é sem dúvida a imagem de uma forma ainda inanimada que, posta em contato com o Criador, desperta para a Vida. O lobo não representa o mal encarnado, porém sua imagem, assim como o homem luciferiano é a imagem do mal que está nele.

O mito de Rômulo e Remo, fundadores de Roma, retrata a via descendente pela qual a humanidade, um dia, enveredou. Tudo se inicia com

Hades com uma cabeça de lobo. Tomba del Lorco, 360-330 a.C., Tarquinius, Itália.

A Edda é uma coletânea de mitos e lendas islandesas. A ela pertencem a Edda prosaica, de Snorri Sturluson, e a Edda poética, atribuída a Saemunde, o Sábio, e constituída de uns trinta poemas relativos a mitologia e a lendas heróicas, que cantam a criação e a destruição do cosmo. Mas como as duas obras foram transcritas várias vezes, é difícil datar com precisão os originais.

uma disputa entre irmãos. O caçula, sedento de poder, faz o mais velho, o rei, ser deposto. Depois, ele faz o sucessor do rei ser assassinado e obriga sua filha, Rhéa Silvia, a se tornar sacerdotisa para que não tenha nenhum descendente.

Mas os deuses intervieram. Marte se une a Rhéa Silvia que lhe dá filhos gêmeos, Rômulo e Remo. Entretanto, seu inimigo os esconde em uma cesta de vime e os abandona no Tibre. Antes de alcançar o mar, a embarcação fica imobilizada nas raízes de uma figueira gigante.

No oco da árvore, próximo ao Monte Palatino, uma loba tinha sua toca. Ela recolhe os dois meninos e os amamenta. Um dia, Fáustolo, um pastor de cabras, descobre os meninos e os leva consigo. Sua mulher Lupa (a loba) torna-se a madrasta deles. Quando adultos, eles derrubam o soberano ilegítimo e entregam o trono a seu avô. Em seguida, duas cidades são fundadas, uma por Rômulo, no Monte Palatino, outra por Remo, no Monte Aventino.

Novamente uma disputa entre irmãos. Rômulo, o mais jovem, num acesso de cólera, mata seu irmão que, por brincadeira, pulou os muros de sua cidade. Remo, cujo nome significa "leme", uma alusão a Saturno, simboliza o aspecto sagrado que está morto no homem e que só pode viver nos Mistérios. Rômulo simboliza a personalidade terrestre e Remo, sua alma gêmea divina, extraviada.

A loba, símbolo de Marte

A loba que cuidou de Rômulo e Remo é também símbolo de Marte, geralmente conhecido como o deus da guerra. A raiz "mar" pode evocar ao mesmo tempo a idéia de brilhar, fascinar, crescer e morrer. Ela é também análoga à palavra latina *mors* (morte). Para os germanos, Marte é um espírito maligno que provoca os pesadelos. Numa lenda budista, Mara tenta seduzir o príncipe Sidarta. Em hebraico, *marah* significa amargo, salgado. Durante a travessia do deserto, Moisés transforma a água amarga da fonte Marah em água potável.

A Bíblia também fala de Mar (Marte ou Marah), que se transforma e é salvo. O livro de Ruth conta que Noemi, a doce, se sentia abandonada por Deus porque a morte rompera todos os seus laços familiares. É por isso que ela chamava a si mesma de Marah, a amarga. Sua nora Ruth (amizade com Deus) se tornou a ancestral da casa de Davi. Maria é a tradução latina de Marah. Ela simboliza o mar inalterado, designado pelos alquimistas como a *materia prima*, de onde deve emergir a nova vida. O amargo devia, então, se transformar em pureza e em claridade. Distinguimos, portanto, dois estados: a substância divina original e as entidades que se afastaram dela, personificadas por Rômulo e Remo.

Vesta e o lobo

A mãe de Rômulo e Remo era uma vestal, sacerdotisa da deusa Vesta,

guardiã do fogo sagrado. Vesta era a divindade de Roma. Ela era mais uma idéia abstrata, porque seu culto não teve por objeto nenhuma representação, nenhum mito. O nome de Vesta é uma contração de Venusta, um dos nomes de Vênus, relacionada a veste, que também tinha relação como o vaso onde arde a chama sagrada.

A entrada de uma casa romana se chamava *vestibulum*. Aí eram deixadas as vestes antes de penetrar na casa. No famoso vestíbulo de Pompeu, o chão era decorado com um mosaico representando um cão negro e levava a inscrição: "Cuidado com o cão". Na Idade Média, a entrada dos infernos era representada pela goela de um lobo. Alguns pórticos de igrejas eram decorados com demônios que se pareciam com lobos, e diziam que eles devoravam as pessoas.

Após a morte sobre a cruz, Jesus Cristo desceu aos infernos para liberar o homem de sua veste terrena. Podemos conceber a realização dos Mistérios como uma troca de veste ou de forma. Os cátaros chamavam essa troca de processo de endura: a diminuição do sistema de forças terrenas e sua substituição por um sistema de linhas de forças divinas. Do mesmo modo, os rosacruzes modernos falam em seus ensinamentos da substituição da antiga personalidade por uma nova personalidade que corresponde à veste ou manto da alma imortal. A personalidade terrena se forma a partir do fogo terreno. A veste divina se forma a partir do fogo celeste. O lobo, símbolo da personalidade terrestre, está relacionado com o processo de morte. Sua pelagem cinza simboliza o fosco envoltório terrestre que deve ser abandonado e ser substituído pela veste luminosa da nova vida.

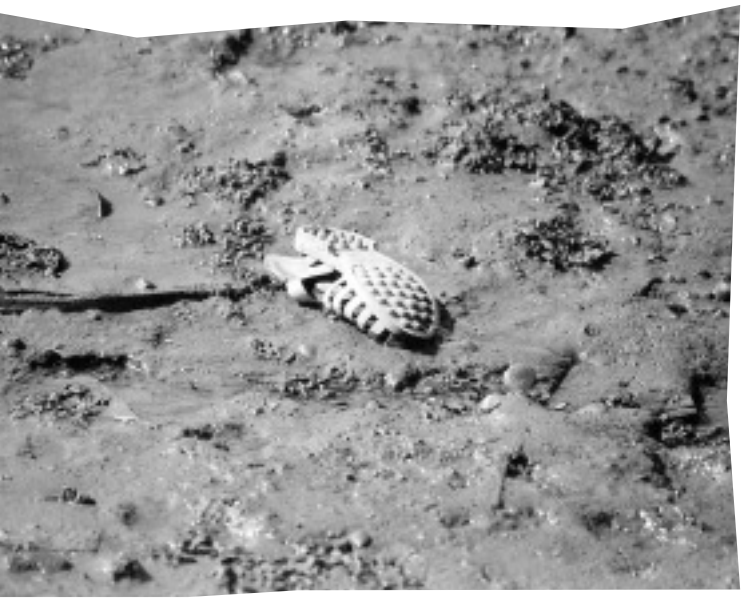
Sou estudante e trabalho para financiar meus estudos. Mas, em meu trabalho e em meus estudos, algumas coisas não me interessam de jeito nenhum. O que devo fazer? Acho isso muito difícil e não consigo fazer de conta. Que conselho vocês me dão?

Você está neste mundo para ter experiências; experiências causadas pelas contradições da vida. É assim que a consciência se forma, que o eu se forma. Essas experiências acabam por conduzi-lo ao limite de suas possibilidades e você compreende que existe uma outra vida, uma vida superior, a vida da alma renovada. As experiências da vida cotidiana trazem prazeres e desprazeres. Os primeiros não são problemas, e todos os desejam. Mas os segundos é que são de grande importância. Os dois são necessários para alcançar a maturidade interior. Considere tanto quanto possível os prós e os contras da vida cotidiana, sem nenhuma aversão. Faça o que deve fazer – muitas vezes auxiliar os outros – mas não rejeite a vida. Faça escolhas conscientes. Você acabará eventualmente por tomar seu lugar na sociedade e ganhar seu pão da maneira que lhe convém. Encontre, de preferência, o lugar que lhe dará suficiente espaço para seguir suas aspirações espirituais. Utilize, assim, as possibilidades que lhe são oferecidas. Não recuse a vida cotidiana, mas considere-a como uma parte da escola de aprendizado que você deve vivenciar antes de ser capaz de empreender o próximo passo de seu desenvolvimento – libertar a alma – com sucesso.

Do homem descartável ao homem eterno

O descontentamento em relação a certas coisas e situações nos leva a sentir que deve existir algo totalmente diferente nas bases da existência? Pressupomos a existência de um enigma difícil de resolver? Ou somos apenas homens descartáveis em uma sociedade descartável? Apesar da legislação sobre os direitos humanos, é preciso reconhecer que a vida humana conta muito pouco, se é que conta.

Em todo lugar há reuniões, discussões para encontrar formas de melhorar e definir planos de ação. Mas a paz mundial continua distante e diariamente homens perecem em combates dos quais não conhecem os motivos nem os resultados. Somos sempre cercados de todos os lados por esses acontecimentos, mas, enquanto não somos diretamente afetados, contentamo-nos em manter nossa própria casa confortável. Sentimos que tudo poderia continuar assim eternamente, enquanto funciona como de costume. A morte parece estar ainda muito longe. Enfeitamos a vida com futilidades e vivemos despreocupadamente nosso dia. Até que ocorra algo que precipite toda a nossa vida aconchegante na desordem. Então indagamo-nos, pensativos: "Por que isso acontece comigo?"



Geralmente as pessoas são corajosas e enérgicas, possuem um forte instinto de conservação e se adaptam a situações inevitáveis. Mas também pode ser que, depois de uma experiência traumática, uma pessoa se pergunte sobre o sentido da vida. O que é verdadeiramente a vida? No que consiste? Qual o seu objetivo? Parece haver aí uma fórmula secreta. A questão é saber se estamos realmente determinados a encontrar uma resposta, ou se essa busca só constitui um passatempo. Se este for o caso, significa que o "pesquisador" se satisfaz com um "não saber".

Habilmente ziguezagueando pela vida

A terra é uma grande escola de treinamento. Desde a infância os seres humanos aprendem certas habilidades a fim de se tornar adultos responsáveis. Muitos são competentes nas relações sociais e assim vivem ziguezagueando pela vida, sem maiores pro-



blemas. Porém, cedo ou tarde, chega o momento em que cada um é confrontado com a fragilidade e a finitude da sua existência. Momento crucial em que o homem é levado a um limite, compelido a irromper através dos obstáculos e resolver suas indagações a respeito da vida.

Cada ser humano tem aptidões para pensar, querer, sentir e agir. Às vezes, com essas aptidões são efetuadas grandes realizações, mas os motivos por detrás delas podem causar também muita infelicidade. A ciência, a religião e a arte dão amplos exemplos disso. A história do aprendiz de feiticeiro que faz experimentos com fórmulas secretas que ele não controla é realmente a história de cada um de nós, pouco importando se estamos em posição elevada ou não. Esses experimentos desencadeiam situações incontroláveis, e o responsável tentará, antes de tudo, salvar a própria pele. Felizmente o mestre volta no momento crucial e tudo volta a ficar bem. O aprendiz recebe, então, uma eficiente vassourada.

Ele não teve más intenções. Queria unicamente saber o que aconteceria e até onde poderia ir. Afinal, era apenas um experimento! Mas não compreendeu o resultado de sua ação.

Aprender a controlar os elementos

Os contos de fada e a linguagem da antiga sabedoria falam sobre o controle dos elementos terra, ar, fogo e água. Não são os quatro elementos estudados pela Física, porém quatro estados energéticos. Eles correspondem ao pensar, ao sentir, ao querer e ao agir. O ar está em relação com o pensar, a água, com o sentir, o fogo, com o querer, a terra, com o agir.

Se nos perguntarmos o que essas faculdades nos trouxeram até o presente, constataremos que o pensamento, essa maravilhosa faculdade que nos coloca acima do animal, ainda não nos permitiu esclarecer o mistério da vida. Isso também mostra que sincera compaixão e piedade pelos semelhantes

À esquerda: Norfolk, Inglaterra. Acima: Homens descartáveis ou homens eternos? Foto Pentagrama.

infelizes revelam ser insuficientes e nos trazem um sentimento de impotência. Existe a vontade de alcançar bons acordos e de criar ordem, porém isso fracassa porque os acordos não são respeitados. Portanto, as ações permanecem sem resultado positivo. Não sabemos lidar bem com os quatro elementos porque ainda somos imperfeitos como seres humanos.

Há, entretanto, uma tendência crescente de nos afastarmos da idéia do homem descartável para investigar o real valor dos seres humanos e enfatizar os valores eternos de sua natureza. O núcleo central dos homens é vivo e imperecível. Ele os leva a uma situação em que devem ouvir! E como pode o homem responder a isso corretamente?

Todas as boas respostas estão no homem

Aquele que, com profunda aspiração e honestamente, se pergunta como encontrar o núcleo imperecível pode receber uma impressão fulgurante que o incita a levar mais adiante sua pesquisa em si mesmo! A resposta está muito perto, no coração. O coração é o manancial da vida, o pulsante início do alento de vida. Nessa fonte oculta-se a consciência, o que um dia o homem sabia, mas esqueceu. Os rosacruzes chamam esse princípio central "a rosa do coração". Aquele que deixa a rosa florescer recebe entendimento. Do anseio sincero por elevado conhecimento resulta um contato com o princípio nuclear. Esse é o início da senda na qual desabrocha a vida verdadeira. Se há um desejo puro e uma sede inextinguível essa vida se revelará plenamente. Mediante intensa indagação e correta atenção, a rosa do coração se abrirá e irradiará sua luz.

Da transmutação à transfiguração

Que tudo isso não acontece automaticamente, porém como o resultado de um longo caminho de experiências, é óbvio. Todavia, devemos dizer que muitos enterraram a luz dentro de si mesmos. Se tudo correr bem, as quatro faculdades mencionadas se modificarão progressivamente e criarão novas possibilidades. Os elementos serão transmutados na preparação para o objetivo: a transfiguração. Essas faculdades já não estão orientadas para objetivos terrestres, mas para a elevada realização libertadora, para uma vida gnóstica pura! O homem precisa adquirir, primeiramente, a coragem e o ardor do fogo, a perseverança e a constância da terra, a penetração e a inteligência do ar, antes de poder descobrir a Alma, o sutil domínio interior, representando o aspecto sensível da água. A transmutação deste elemento traz a mudança na vida emocional, liberta das preferências pessoais e dá lugar a um afeto incondicional por todas as criaturas.

Ele chega, finalmente, a emitir a oração decisiva: "Revelai-me vossos segredos". Então como os círculos concêntricos provocados por uma pedra jogada na água, a vibração percorre todo o ser. É a vibração do som original, um doce sussurrar que vai crescendo até ressoar como um poderoso chamado que se funde com a fonte universal de toda a vida. É uma vida totalmente diferente da que vive o pequeno e limitado indivíduo.

O homem pode, então, elevar-se através do processo de transfiguração, que o liberta e o separa da matéria. Ele avança passo a passo na compreensão e sua vida toma finalmente um profundo significado, porque o alvo se delineia cada vez mais nitidamente.

DEI GLORIA INTACTA



DEI GLORIA INTACTA

O Mistério Iniciático Cristão

J. van Rijckenborgh

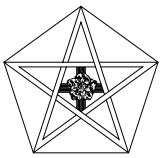
Imergindo no simbolismo dos arcanos planetários, J. van Rijckenborgh expõem em detalhes as razões pelas quais as antigas religiões e sistemas iniciáticos já não são capazes de surtir o efeito desejado em nossa época e justifica a premência de se palmilhar a via da rosa e da cruz como a única senda iniciática concreta para os tempos atuais. O apocalipse já pode e deve ser vivenciado por todos os que se propõem a trilhar o caminho. Cabe a nós decidir se nos cingiremos com essa responsabilidade ou se seremos meros espectadores.

Esta obra ousa nos auxiliar nessa decisão.

EDITORA Rosacruz

240 pgs.
ISBN: 85-88950-06-5
R$ 26,00

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.4234 – fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br



Na cultura ocidental desenvolveu-se, pouco a pouco,
uma grande tensão entre a razão e a moral.
Todos conhecem a incerteza que resulta do fato de
sermos influenciados por idéias contraditórias. O mundo
todo é confrontado com isso, e busca uma solução.

(A dupla história do homem, p.28)